



UNIVERSIDADE FEDERAL DO RECÔNCAVO DA BAHIA
CENTRO DE ARTES, HUMANIDADES E LETRAS
CURSO DE GRADUAÇÃO EM MUSEOLOGIA

CAROLINA MACHADO DOS SANTOS

**A SEMANA SANTA EM CACHOEIRA/BA: DOCUMENTAÇÃO DOS RITOS E DO
ACERVO IMAGÉTICO USADO PELOS TERCEIROS CARMELITAS**

Cachoeira

2018

CAROLINA MACHADO DOS SANTOS

**A SEMANA SANTA EM CACHOEIRA/BA: DOCUMENTAÇÃO DOS RITOS E DO
ACERVO IMAGÉTICO USADO PELOS TERCEIROS CARMELITAS**

Monografia apresentada ao Curso de Bacharelado em Museologia da Universidade Federal do Recôncavo da Bahia, como requisito à obtenção de título de Bacharel em Museologia.

Orientadora: Prof.^a Dra. Sabrina Mara Sant'anna.

Cachoeira

2018

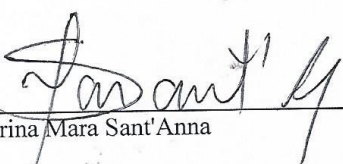
CAROLINA MACHADO DOS SANTOS

A SEMANA SANTA EM CACHOEIRA/BA:
DOCUMENTAÇÃO DOS RITOS E DO ACERVO IMAGÉTICO
USADO PELOS TERCEIROS CARMELITAS

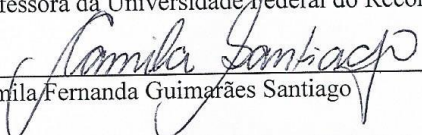
Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Colegiado do Curso de Graduação em Museologia, Universidade Federal do Recôncavo da Bahia, como requisito parcial para obtenção do grau de Bacharel em Museologia.

Aprovado em 6 de março de 2018.


BANCA EXAMINADORA


Sabrina Mara Sant'Anna

Doutora em História pela Universidade Federal de Minas Gerais,
Professora da Universidade Federal do Recôncavo da Bahia


Camila Fernanda Guimafães Santiago

Doutora em História pela Universidade Federal de Minas Gerais
Professora da Universidade Federal do Recôncavo da Bahia


Tânia Maria Pinto de Santana

Doutora em História pela Universidade Federal da Bahia
Professora da Universidade Federal do Recôncavo da Bahia

*À minha amada avó Florice (in memoriam),
que torceu e sei que continua torcendo por
todas as minhas conquistas... O meu eterno
amor e gratidão!*

AGRADECIMENTOS

Agradeço primeiramente a Deus, Tu que me ensinaste que nada é impossível, que perante qualquer dificuldade, quem acredita no teu amor encontrará o caminho da superação.

Aos meus amados pais, Edmilson e Iara, por toda dedicação e por estarem ao meu lado sempre, amo vocês! Saibam que nessa batalha a vitória não é só minha e sim nossa!

Agradeço as minhas irmãs Vanessa e Mylena, pelo apoio concedido durante toda a minha vida, principalmente na minha trajetória acadêmica.

As minhas pequenas sobrinhas, Beatriz e Thayná, por todo carinho e amor, por compreenderem os momentos em que não estive presente. Amo vocês sem limites!

Agradeço ao meu noivo Marllon por todo amor, força e incentivo. Você é muito especial em minha vida, obrigada por existir!

Aos meus avós, tios (as), cunhados, primos (as), enfim, a todos os familiares que torceram pela minha vitória.

Agradeço imensamente a minha orientadora Sabrina Sant'anna, pela dedicação e conhecimento transmitido ao longo do curso e principalmente nesta etapa final. Obrigada por tudo!

A todos que me ajudaram nesta pesquisa, em especial ao colega Anderson Luís.

Agradeço a Ordem Terceira do Carmo de Cachoeira por todo apoio durante a pesquisa.

Agradeço também a Isaac Tito por ter me recebido de coração aberto em todos os momentos que precisei.

Agradeço ao Sr. Antônio, pelo apoio e paciência.

A Valdiney Suzart por me receber em sua casa tão gentilmente, contribuindo para o desenvolvimento desta pesquisa.

Aos professores do Curso de Museologia, por todo aprendizado durante esses anos na graduação, especialmente a Prof.^a Ana Paula Pacheco, Prof.^o Lydy Fernandes, Prof.^o Ricardo Brugger e Prof.^a Camila Santiago.

Ao querido professor Edvaldo Carneiro do Rosário (Carneirinho), profissional exemplar, que tenho grande admiração. Obrigada por todos os ensinamentos!

Por fim, agradeço aos meus amigos da graduação, Sheyla, Maurício, Aline, Ingrid, Gabriela, Rafaela, Cleiton e Taiane, obrigada por todos os momentos que passamos juntos, tanto de alegrias quanto de angústias, mas, sempre unidos pela amizade. Cada situação que vivenciamos guardarei para sempre em meu coração.

SANTOS, Carolina Machado dos. **A Semana Santa em Cachoeira/BA: Documentação dos ritos e do acervo imagético usado pelos terceiros carmelitas.** 92 f. il. 2018. Monografia (Graduação) – Cachoeira: Centro de Artes Humanidades e Letras; Universidade Federal do Recôncavo da Bahia, 2018.

RESUMO

Este trabalho aborda as práticas realizadas pela Ordem Terceira do Carmo de Cachoeira/BA, durante a celebração da Semana Santa, assim como uma análise documental e iconográfica do acervo de imagens utilizadas nestas celebrações. A Semana Santa em Cachoeira representa uma das maiores tradições católicas desde os tempos coloniais, movimentando a comunidade fiel às imagens de Nossa Senhora das Dores e do Senhor dos Passos. O objetivo principal é identificar e documentar as celebrações e o acervo imagético composto por painéis e esculturas processionais. A metodologia aplicada neste trabalho deu-se por meio da observação empírica nas missas e procissões, no levantamento bibliográfico para descrever os contextos, significados e singularidades destes ritos e do uso da Documentação Museológica e da Iconografia para a realização das fichas documentais. Portanto, o presente trabalho monográfico deseja compreender a relevância e o simbolismo deste evento religioso, visto que as informações adquiridas são fundamentais para o registro da memória.

Palavras-chave: Semana Santa; Documentação Museológica; Iconografia.

SANTOS, Carolina Machado dos. **The Holy Week in Cachoeira/BA: Documentation of the rites and the image collection used by third Carmelites.** 92 f. il. 2018. Monografia (Graduação) - Cachoeira: Centro de Artes, Humanidades e Letras; Universidade Federal do Recôncavo da Bahia, 2018.

ABSTRACT

This work deals with the practices performed by the Third Order of Carmo de Cachoeira / BA, during the celebration of Holy Week, as well as a documentary and iconographic analysis of the collection of images used in these celebrations. The Holy Week in Cachoeira represents one of the greatest Catholic traditions since colonial times, moving the faithful community the images of Our Lady of Sorrows and Senhor dos Passos. The main objective is to identify and document the celebrations and the image collection composed of panels and processional sculptures. The methodology applied in this work was made through the empirical observation in missas and processions, in the bibliographic survey to describe the contexts, meanings and singularities of these rites and the use of the Museological Documentation and the Iconography for the realization of the documentary records. Therefore, the present monographic work wishes to understand the relevance and symbolism of this religious event, since the information acquired is fundamental for the recording of memory.

Keywords: Holy Week; Museological Documentation; Iconography.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1 – Capela da Ordem Terceira e igreja da Ordem Primeira.....	17
Figura 2 – Programação da Semana Santa de Cachoeira/BA 2016.....	21
Figuras 3 – Programação da Semana Santa de Cachoeira/BA 2017.....	22
Figura 4 – Folheto narrativo.....	24
Figura 5 – Ato dos Sete Passos.....	26
Figura 6 – Primeiro passo: Cristo no monte das Oliveiras.....	26
Figura 7 – Segundo passo: A prisão de Jesus.....	28
Figura 8 – Terceiro passo: Cristo atado à coluna.....	29
Figura 9 – Quarto passo: Eis o homem!.....	31
Figura 10 – Quinto passo: Cristo carregando a cruz às costas.....	32
Figura 11 - Sexto passo: Crucificação e morte de Jesus.....	33
Figura 12 – Sétimo passo: O sepultamento.....	34
Figura 13 – Missa em memória de Nossa Senhora das Dores.....	36
Figuras 14 – Folheto da missa.....	39
Figura 15 – Saída da imagem de Nossa Senhora.....	40
Figura 16 – Cortejo em direção à igreja matriz.....	41
Figura 17 – Chegada da imagem à igreja matriz.....	41
Figura 18 - Saída da imagem do Senhor dos Passos.....	42
Figura 19 – Procissão de Nossa Senhora das Dores.....	43
Figura 20 - Procissão dos Passos.....	44
Figura 21 – O canto da Verônica.....	45
Figura 22 - O encontro.....	46
Figura 23 – Nossa Senhora acompanha Jesus.....	46
Figura 24 – Encerramento da Procissão dos Passos.....	47
Figura 25 – Momento de adoração.....	48
Figura 26 – Celebração das Dores de Maria.....	49
Figura 27 – As sete dores de Maria.....	50

Figura 28 – Ritual da vela na celebração das Dores de Maria.....	50
Figura 29 – Esquife com o corpo de Cristo.....	51
Figura 30 – Andor de Nossa Senhora das Dores.....	52
Figuras 31 – Folheto da celebração da Paixão do Senhor.....	53
Figura 32 – Entrada do Cristo Crucificado.....	54
Figura 33 – Adoração do Cristo na cruz.....	55
Figura 34 – Procissão do Senhor Morto.....	56
Figura 35 – Andor do Cristo Ressuscitado.....	57

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	12
CAPÍTULO 1 – OS RITOS REALIZADOS PELA ORDEM TERCEIRA DO CARMO NA CELEBRAÇÃO DA SEMANA SANTA EM CACHOEIRA NOS ANOS 2016 E 2017	16
1.1 Ato dos Sete Passos.....	23
1.2 Missa em memória de Nossa Senhora das Dores.....	35
1.3 Procissão dos Passos: O encontro.....	42
1.4 Celebração das dores de Maria.....	48
1.5 Procissão do Senhor Morto.....	51
1.6 Procissão do Cristo Ressuscitado.....	56
CAPÍTULO 2 – A DOCUMENTAÇÃO DO ACERVO IMAGÉTICO TRADICIONALMENTE USADO NOS RITOS DA SEMANA SANTA CELEBRADOS EM CACHOEIRA	59
CONSIDERAÇÕES FINAIS	87
REFERÊNCIAS	90

INTRODUÇÃO

Inserida na região do Recôncavo Baiano, às margens do Rio Paraguaçu, Cachoeira está a 120 km da capital do estado, Salvador. A história desta cidade acontece a partir do século XVI, com a fundação da capela de Nossa Senhora da Ajuda, por iniciativa do capitão Álvaro Rodrigues:

Em 1651, uma carta régia nomeou Gaspar Rodrigues Adorno como capitão para combater os índios que atacavam os moradores, através das margens do Paraguaçu (...). Após algumas expedições, e pacificados os índios, pelo menos temporariamente, esse capitão recebeu como recompensa quatro léguas de terras em ambas as margens do Paraguaçu. (...) O capitão João Rodrigues Adorno, filho de Gaspar, instalou-se no sítio de Cachoeira no correr de 1654, incentivando o povoamento da região ¹.

Devido à qualidade de suas terras, Cachoeira desenvolveu-se do cultivo da cana de açúcar e mais tarde das atividades comerciais, resultando no crescimento do povoado. Logo, tornou-se Vila e Freguesia de Nossa Senhora do Rosário do Porto de Cachoeira em 1693. Em 13 de março de 1837, a Vila foi elevada à categoria de cidade, com o título de Heroica, por sua importância histórica na luta contra a dominação portuguesa pela Independência do Brasil na Bahia em 25 de junho de 1822 a 2 de julho de 1823. Atualmente, pela Lei 10.695/07, em todo o 25 de junho, Cachoeira torna-se sede do governo da Bahia.

O tombamento da cidade surge por conta do reconhecimento histórico, cultural e arquitetônico, recebendo o título de Monumento Nacional pelo IPHAN por meio do decreto presidencial de 13 de janeiro de 1971. Cachoeira também é reconhecida pela diversidade de tradições religiosas oriundas dos tempos coloniais, como o catolicismo e o candomblé. Neste momento, trataremos especificamente do catolicismo, que está diretamente ligado ao nosso objeto de estudo.

¹ FLEXOR, Maria Helena O. O Conjunto do Carmo de Cachoeira. Brasília: IPHAN; Monumenta, 2007. p. 13-16.

O presente trabalho monográfico buscou analisar os ritos realizados na celebração da Semana Santa em Cachoeira/BA pela Ordem Terceira do Carmo nos anos 2016 e 2017. O objetivo geral é identificar e documentar esses ritos e também o acervo imagético tradicionalmente usado nessas celebrações. Este trabalho se divide em dois capítulos. O primeiro capítulo descreve as celebrações da Semana Santa em Cachoeira, tomando como referência os ritos realizados nos anos 2016 e 2017. Os ritos identificados são: o Ato dos Sete Passos, a missa em memória de Nossa Senhora das Dores, a Procissão dos Passos, também conhecida como Procissão do Encontro, a Celebração das dores de Maria, a Procissão do Senhor Morto e por último, a Procissão do Cristo Ressuscitado. Analisamos os significados, objetivos e especificidades de cada rito, contextualizando-os juntamente com as narrações bíblicas, o papel dos terceiros carmelitas na organização destas celebrações e principalmente, sobre o sentido atribuído às comemorações da Semana Santa.

As observações foram realizadas em abril de 2017, porém, houve a necessidade de pesquisar sobre março de 2016 já que algumas celebrações passaram por mudanças devido intempéries climáticas. Para a metodologia desta etapa da pesquisa, utilizamos das poucas publicações encontradas, das pesquisas de campo com visitas a Ordem Terceira do Carmo e documentação fotográfica. Utilizamos também a Bíblia Sagrada com o Antigo e Novo Testamento, o dicionário de liturgia dos autores Ricardo Dotro e Geraldo García, assim como os textos das historiadoras Maria Helena Ochi Flexor sobre a Ordem Terceira de Cachoeira e Adalgisa Arantes Campos sobre a Semana Santa na América Portuguesa.

Os ritos foram documentados a partir do registro das observações empíricas nas celebrações e das declarações dos membros da Ordem Terceira de Cachoeira: o prior Antônio Melo e os conselheiros da mesa administrativa, Anderson Luís e Isaac Tito. Portanto, a documentação dos ritos foi feita a partir de procedimentos no campo da Antropologia. De acordo com o antropólogo José Reginaldo Santos Gonçalves, a literatura sobre patrimônio cultural tem crescido em diversas áreas principalmente na área da Antropologia, onde:

Grande parte desses estudos corretamente tem assinalado as funções identitárias daqueles objetos materiais (ou mesmo de supostos bens

“imateriais” ou “intangíveis”) na representação pública de identidades coletivas (nações, grupos étnicos, grupos religiosos, bairros, igrejas) ².

O segundo capítulo apresenta a documentação do acervo de imagens utilizadas nesses ritos, sendo eles pinturas e esculturas processionais. O objetivo é analisar as características intrínsecas e extrínsecas do acervo, assim como desenvolver seu estudo iconográfico. A Iconografia “é o estudo que trata do conteúdo temático ou significado das obras de arte, enquanto algo diferente de sua forma”. (PANOFSKY, 1986, p.19).

No que diz respeito ao acervo de arte sacra da Ordem Terceira do Carmo de Cachoeira, usado nos ritos celebrados por ela, utilizamos os procedimentos da documentação museológica já que as imagens ficam expostas na sacristia, como se esta fosse um espaço museal, o que de fato é, ao menos na concepção da Ordem. De acordo com a museóloga Helena Ferrez, a Documentação Museológica é:

O conjunto de informações sobre cada um dos seus itens e, por conseguinte, a preservação e a representação destes por meio da palavra e da imagem (fotografia). Ao mesmo tempo, é um sistema de recuperação de informação capaz de transformar, (...), as coleções dos museus de fontes de informação em fontes de pesquisa científica ou em instrumentos de transmissão de conhecimento ³.

Nesse contexto, a documentação realizada é a documentação do objeto. Segundo o museólogo Mário Chagas, objetos/documentos são suportes de informação. Preservá-los ocasiona um processo de comunicação, pois:

É pela comunicação homem/bem cultural preservado que a condição de documento emerge (...). Em contrapartida, o processo de investigação amplia as possibilidades de comunicação do bem cultural e dá sentido à preservação (...). A pesquisa é a garantia da possibilidade de uma visão crítica sobre a área da documentação, envolvendo a relação homem-documento-espço, o patrimônio cultural, a memória, a preservação e a comunicação ⁴.

² GONÇALVES, José Reginaldo Santos. Antropologia dos objetos: coleções, museus e patrimônio. Coleção Museu, Memória e Cidadania. Rio de Janeiro, 2007. p.28.

³ FERREZ, Helena D. Documentação Museológica: teoria para uma boa prática. In: Cadernos de Ensaio: estudos de Museologia, Rio de Janeiro, n.2, 1994. p.65.

⁴ CHAGAS, Mário. *Museália*. JC Editora, Rio de Janeiro, 1996. p.46-47.

Para a realização das fichas documentais do acervo de imagens da Ordem Terceira do Carmo de Cachoeira, utilizamos dos seguintes procedimentos: identificação e registro dos objetos através das suas propriedades físicas, funções e significados, ou seja, discurso do objeto e sobre o objeto, categoria do acervo (se são achados arqueológicos, objetos pessoais, mobiliário, arte sacra, etc.), reprodução fotográfica e pesquisa bibliográfica para definição das informações (origem, material, técnica, autoria, etc.). Além disso, utilizamos o Inventário de Bens Móveis e Integrados realizado pelo IPHAN em 1994 sobre a capela da Ordem Terceira do Carmo de Cachoeira para obter mais informações sobre o acervo, o livro da professora Selma de Oliveira sobre as imagens de roca da Ordem Terceira de Cachoeira e o livro do historiador Louis Réau sobre iconografia cristã.

A diferença entre as duas fichas documentais, refere-se à atualização das informações, apresentando dados relevantes sobre o acervo, como: ano, inscrições, autoria, dimensões, técnica, material, estado de conservação, etc., contribuição para a análise iconográfica e a realização das fichas documentais para as sete telas da via sacra, encomendadas em 1998 e que não estão no Inventário do IPHAN pois são posteriores.

CAPÍTULO 1: OS RITOS REALIZADOS PELA ORDEM TERCEIRA DO CARMO NA CELEBRAÇÃO DA SEMANA SANTA EM CACHOEIRA NOS ANOS 2016 E 2017

A Semana Santa é uma comemoração religiosa católica que trata da Paixão, Morte e Ressurreição de Jesus Cristo em diversas celebrações repletas de significado, imponência e tradicionalidade. Esse período é considerado o mais importante para a Igreja Católica por compartilhar com os fiéis todos os anos, momentos significativos do mistério pascal de Jesus. A Igreja Católica celebra a Semana Santa logo após o período da Quaresma. Segundo os autores Ricardo Dotro e Geraldo García, a Quaresma:

É o tempo litúrgico penitencial durante o qual a Igreja se prepara para a celebração jubilosa da Páscoa. O Tempo da Quaresma vai da Quarta-feira de Cinzas e termina até a missa da ceia do Senhor, na Quinta-feira Santa. Durante esse tempo não se diz o Aleluia. Fica proibido, como sinal penitencial, adornar o altar com flores, e os instrumentos musicais são permitidos apenas para apoiar o canto. A cor litúrgica própria é o roxo⁵.

Em seguida, inicia-se o Tríduo Pascal, celebração anual da Páscoa que compreende a Sexta-feira da Paixão, Sábado Santo e Domingo de Páscoa:

A missa vespertina da Quinta-feira Santa constitui seu prólogo de introdução. O Tríduo Pascal da paixão, sepultura e ressurreição do Senhor é o ponto culminante de todo o ano litúrgico. Esses três dias são celebrados como se fossem um só e seu ápice é a Vigília Pascal, a mais importante e solene de todas as celebrações. Com ela começa durante a noite de sábado, o terceiro dia do Tríduo Pascal⁶.

Neste capítulo, trataremos exclusivamente dos ritos organizados pela Ordem Terceira do Carmo de Cachoeira. A capela dos terceiros carmelitas está localizada no centro histórico da cidade, ao lado da igreja da Ordem Primeira e do convento que atualmente funciona como pousada. (Figura 1).

⁵ DOTRO, Ricardo Pascual; HELDER, Geraldo García. Dicionário de Liturgia. Edições Loyola. São Paulo, 2006. p.137.

⁶ DOTRO, Ricardo Pascual; HELDER, Geraldo García. Dicionário de Liturgia. Edições Loyola. São Paulo, 2006. p.165-172.



FIGURA 1 – Capela da Ordem Terceira (a esquerda) e igreja da Ordem Primeira (a direita), Cachoeira, 2008. Foto: Rita Barreto.

Sobre a instalação da Ordem Terceira do Carmo em Cachoeira, a historiadora Maria Helena Ochi Flexor afirma que:

A Ordem Primeira, que trouxe a devoção de Nossa Senhora do Carmo, no declinar do século XVI lançou sua semente no solo fértil cachoeirano. Com ela, os carmelitas viabilizaram a criação da Venerável Ordem Terceira do Carmo de Cachoeira que, de 1691 aos dias atuais, tornou-se herdeira do trabalho carmelita, compondo, com sua capela, o maior conjunto arquitetônico da cidade ⁷.

As Ordens Terceiras são associações de leigos católicos, que se reúnem sob a devoção de um santo padroeiro. Essas associações almejam a perfeição cristã e estão diretamente ligadas a uma Ordem religiosa para práticas espirituais e sociais ⁸. Essa associação religiosa de leigos professos participa e atua intensamente nos ritos da Semana Santa desde o período colonial, não sendo esta uma particularidade cachoeirana, mas uma tradição que também se verifica em outros territórios da América Portuguesa. Sobre a atuação da Ordem Terceira do Carmo de

⁷ FLEXOR, Maria Helena O. O Conjunto do Carmo de Cachoeira. Brasília: IPHAN; Monumenta, 2007. p.57.

⁸ REZENDE, Leandro Gonçalves de. O Monte Carmelo nas montanhas de Minas: arte, iconografia e devoção nas Ordens Terceiras do Carmo de Minas Gerais (séculos XVIII e XIX). Minas Gerais, 2016. p.23.

Vila Rica (atual Ouro Preto, Minas Gerais) nos ritos da Semana Santa celebrados no século XVIII a historiadora Adalgisa Arantes Campos nos informa:

Faziam práticas espirituais nas quartas e sextas-feiras da quaresma, com via-sacra e coros de música; Procissão do Triunfo no Domingo de Ramos, à tarde; missa solene na manhã de Quinta-feira de Endoenças, com o Santíssimo exposto, e, à tarde o sermão do Mandato e Lava-pés; Adoração da Cruz na tarde da Sexta-feira da Paixão, com Procissão do Enterro e sermão da Soledade, à noite; Ladainhas no Sábado de Aleluia à tarde; por fim, introduzidas tardiamente, a Procissão da Ressurreição com exposição do Santíssimo, no Domingo de Páscoa⁹.

Sem sombra de dúvidas, a Semana Santa ainda é uma das celebrações religiosas que mais movimentam a comunidade cristã, inclusive em Cachoeira, onde desde os tempos coloniais, as celebrações litúrgicas (missas) são realizadas pela Paróquia de Nossa Senhora do Rosário, ficando a Venerável Ordem Terceira do Carmo responsável pela produção e distribuição do programa das solenidades (organizado pela mesa administrativa e em comum acordo com a paróquia), vigília do Santíssimo Sacramento na Quinta-feira Maior, procissões dos Passos, Senhor Morto, Cristo Ressuscitado e Ato dos Sete Passos, além da ornamentação, exposição e guarda do acervo imagético processional usado e das telas dos sete passos que rememoram a Via Sacra.

No que se refere aos ritos realizados pela Paróquia de Nossa Senhora do Rosário e a Ordem Terceira do Carmo de Cachoeira, apresentamos a seguinte tabela:

Ritual	Dia da semana	Local	Objetivo	Instituição Organizadora
Ato dos Sete Passos	Domingo	Praça da Aclamação (2016) / parte interna da Ordem Terceira do Carmo (2017)	Relembrar as etapas da Paixão de Cristo mediante sete pinturas em painel	Ordem Terceira do Carmo de Cachoeira

⁹ CAMPOS, Adalgisa Arantes. Semana Santa na América Portuguesa: Pompa, ritos e iconografia. Minas Gerais, 2001. p.10.

Missa em memória de N.S. das Dores/ Procissão dos Passos ¹⁰	Sexta feira	Ordem Terceira do Carmo de Cachoeira/ Igreja Matriz de N.S. do Rosário	Evocar as sete dores de Maria/ lembrar o encontro entre Jesus e Maria a caminho do Calvário.	Ordem Terceira do Carmo de Cachoeira
Procissão de Ramos	Domingo	Igreja da Santa Casa de Misericórdia / Igreja Matriz de N.S.do Rosário	Reproduzir a entrada de Jesus em Jerusalém ¹¹	Paróquia de N. S. do Rosário
Celebração Penitencial	Terça feira	Igreja Matriz de N.S. do Rosário	Confissão dos pecados, refletir e rever as atitudes em busca do perdão	Paróquia de N. S. do Rosário
Caritativa/ Celebração das dores de Maria	Quarta feira	Ordem Terceira do Carmo de Cachoeira	Visita aos enfermos, idosos, distribuição de alimentos, etc. / Meditar as sete dores de Maria	Ordem Terceira do Carmo de Cachoeira
Cerimônia da ceia do Senhor e lava pés/ Vigília Eucarística ¹²	Quinta feira	Igreja Matriz de N.S. do Rosário/ Ordem Terceira do Carmo de Cachoeira	Rememorar a instituição da Eucaristia, a prática de servir ao próximo/ Adorar ao Santíssimo	Paróquia de N.S. do Rosário
Missa da Paixão e Procissão do Senhor Morto	Sexta feira	Ordem Terceira do Carmo de Cachoeira/ principais ruas da cidade	Relembrar a morte de Jesus Cristo	Ordem Terceira do Carmo de Cachoeira

¹⁰ O trajeto é iniciado na Praça da Aclamação, para as ruas Rui Barbosa, Rua da Feira (Ponta da Calçada), Praça Manoel Vitorino, Rua Treze de Maio, Bairro do Caquende e finalizando a última “parada” na capela da Ordem Terceira.

¹¹ Os ramos utilizados são abençoados e incinerados para a Quarta feira de Cinzas do ano seguinte. O gesto de imposição das cinzas é um ato penitencial que se refere ao que está escrito no Livro de Gênesis 3:19: “Porque tu és pó e ao pó hás de voltar”, isto é, do pó somos feitos e ao pó retornaremos. De acordo com a historiadora Adalgisa Arantes Campos: “As cinzas configuradas em cruz na testa do devoto apontam para a brevidade da vida, para a necessidade de se fazer penitência e para a promessa de ressurreição àquele que compreende a natureza precária do mundo terreno”. CAMPOS, Adalgisa Arantes. As Ordens Terceiras de São Francisco nas Minas Coloniais: Cultura artística e procissão de Cinzas. In: Estudos de História (UNESP). Franca, v. 6, n. 2, 1999. p.5.

¹² Segundo os membros da Ordem Terceira de Cachoeira/BA, a vigília eucarística também sofreu alterações. Atualmente, a vigília não se estende pela madrugada por conta da falta de segurança. Dessa forma, a Ordem divide os momentos de oração com duração de meia hora por grupos das irmandades, para que a hóstia seja abençoada e cedida na celebração da Sexta feira da Paixão.

Vigília Pascal/ Procissão do Cristo Ressuscitado	Sábado	Igreja Matriz de N.S. do Rosário/Ordem Terceira do Carmo de Cachoeira	A igreja espera pela ressurreição do Senhor	Paróquia de N.S. do Rosário/Ordem Terceira do Carmo de Cachoeira
Missa de Páscoa	Domingo	Ordem Terceira do Carmo de Cachoeira	Celebra a ressurreição de Jesus	Paróquia de N.S. do Rosário

As celebrações realizadas pela Ordem Terceira do Carmo de Cachoeira foram observadas no ano de 2017, porém, algumas celebrações como o Ato dos Sete Passos e a Procissão do Senhor Morto sofreram alterações em decorrência de intempéries climáticas (choveu muito naquele ano). Por conta disso, foi necessário recorrer a registros fotográficos feitos no ano anterior (2016), aos programas distribuídos na ocasião e aos relatos dos irmãos que participaram dos ritos, posto que nosso objetivo era documentar a maneira tradicional e não a exceção. (Figuras 2 e 3).

O Ato dos Sete Passos marca o início da festa solene. Anualmente, o ato acontece em diversos pontos da Praça da Aclamação, mas, devido à chuva no ano de 2017, o Ato foi realizado na parte interna da igreja: no claustro e no cemitério anexo da Casa de Oração. A Celebração da Paixão e Morte do Senhor e Procissão do Senhor Morto em 2017, por conta da chuva e da falta de energia, teve seu percurso modificado. Comumente o trajeto é o mesmo realizado durante a Procissão do encontro, mas, com as modificações, o cortejo seguiu da Praça da Aclamação (Museu do IPHAN), para as ruas Ana Neri (em frente à igreja matriz), Rua Rui Barbosa (área comercial), Rua Treze de Maio (em frente à Irmandade da Boa Morte), Praça Teixeira de Freitas (em frente ao CineTheatro Cachoeirano) e retornando para o varandado da Ordem Terceira.



REALIZAÇÃO:



VENERÁVEL ORDEM TERCEIRA DO CARMO
SODALICÍO DE CACHOEIRA
FREI RAIMUNDO BRITO DE CARVALHO
ORIENTADOR ESPIRITUAL
MILTON SANTOS CORDEIRO
PRIOR



PARÓQUIA
NOSSA SENHORA DO ROSÁRIO DE CACHOEIRA
CÔNEGO HÉLIO CEZAR LEAL VILAS BOAS
PÁROCO

PE. ANTONIO CARLOS TRINDADE
DIÁCONO ALAN BACELAR

APOIO:

PREFEITURA MUNICIPAL DE CACHOEIRA
CÂMARA DE VEREADORES
TIRO DE GUERRA
32ª CIRETRAN

APOIO CULTURAL:

CENTRO DE ESTUDOS RAIZES DO RECÔNCAVO

Mensagem

A partir do Domingo de Ramos a liturgia nos conduz as grandes celebrações de nossa fé cristã. Que ninguém transforme estes dias em um teatro a ser assistido de longe. Não nos permitamos também ficar parados nas emoções, que são justas e bonitas, mas insuficientes.

A atitude adequada para a Semana Santa passa pelo coração contrito e humilhado de quem busca, ou ainda quer buscar, o Sacramento da Penitência. Vede abertura de coração para ouvir a Palavra de Deus anunciada abundantemente na Igreja, pregada com vivacidade e testemunhada por tantas pessoas que nos edificam com sua piedade.

A Semana Santa espera ainda de nós o gesto concreto da Campanha da Fraternidade - "CASA COMUM, NOSSA RESPONSABILIDADE". E, ainda, ela nos conduz à Páscoa da Misericórdia. Na alegria da perdão de Deus, vivido na Igreja, na família e sociedade.

Com muita alegria, desejamos que a Páscoa mistério central de nossa fé, seja verdadeira e santa para todas as pessoas de boa vontade.

A todos uma abençoada Semana Santa e uma feliz Páscoa!

Frei Raimundo Brito de Carvalho - Assistente Eclesiástico do OTC
CÔNEGO Vilas Boas - Pároco

Programação:

<p>13 DE MARÇO - DOMINGO ATO DOS 7 PASSOS LOCAL: IGREJA DA ORDEM TERCEIRA DO CARMO HORÁRIO: 19 HORAS</p> <p>18 DE MARÇO - SEXTA-FEIRA CELEBRAÇÃO DA MEMÓRIA DE N. SRA DAS DOLORES LOCAL: IGREJA DA ORDEM TERCEIRA DO CARMO HORÁRIO: 7 HORAS</p> <p>O MÃE TRASPASADA DE DOLORES ROSAI POR NÓS PECADORES</p> <p>PROCESSÃO DO ENCONTRO HORÁRIO: 19 HORAS MOMENTO EM QUE JESUS, A CAVALHO DE CAVALÁRIO, ENCONTRA SUA MÃE SANTÍSSIMA.</p> <p>20 DE MARÇO - DOMINGO BÊNÇÃO E PROCESSÃO DE RAMOS LOCAL: SANTA CASA DE MISERICÓRDIA HORÁRIO: 7 HORAS</p>	<p>MISSA DE NAMOS LOCAL: IGREJA MATEZ DE N. SRA DO ROSÁRIO HORÁRIO: 8 HORAS</p> <p>22 DE MARÇO - TERÇA-FEIRA CELEBRAÇÃO PENITENCIAL CONFISSÓEL LOCAL: IGREJA MATEZ DE NOSSA SENHORA DO ROSÁRIO HORÁRIO: 19:00 HORAS</p> <p>23 DE MARÇO - QUARTA-FEIRA SANTA CELEBRAÇÃO DAS DOLORES DE MARIA LOCAL: IGREJA DA ORDEM TERCEIRA DO CARMO HORÁRIO: 19:30 HORAS</p> <p>24 DE MARÇO - QUINTA-FEIRA SANTA MISSA DA CITA DO SENHOR E CENA DO LAVAR PÉS LOCAL: IGREJA MATEZ DE N. SRA DO ROSÁRIO HORÁRIO: 19 HORAS</p>	<p>VIOLA EUCARÍSTICA LOCAL: IGREJA DA ORDEM TERCEIRA DO CARMO HORÁRIO: 20:30 HORAS A IGREJA CELEBRA A INSTITUIÇÃO DA EUCARÍSTIA</p> <p>25 DE MARÇO - SEXTA-FEIRA SANTA CELEBRAÇÃO DA TRAIÇÃO E MORTE DO SENHOR MISSA DE PROCESSÃO DO SENHOR MORTO LOCAL: ORDEM TERCEIRA DO CARMO HORÁRIO: 16 HORAS</p> <p>26 DE MARÇO - SÁBADO SANTO MISSA PASCAL SEGUNDA DA PROCESSÃO DO PAISÃO PROCESSADO LOCAL: IGREJA MATEZ DE N. SRA DO ROSÁRIO HORÁRIO: 22 HORAS</p> <p>CELEBRAMOS, NESTA NOITE, A VIGÍLIA PASCAL: A RESURREIÇÃO DE JESUS E O MILAGRE DO CONEJO DA VIDA, VIDA NOVA A PARTIR DO MONTE.</p>	<p>27 DE MARÇO - DOMINGO DE PÁSCOA MISSA DA PÁSCOA LOCAL: IGREJA DO MONTE HORÁRIO: 10:00 HORAS</p> <p>LOCAL: IGREJA DO CARMO HORÁRIO: 18:00 HORAS</p> <p>A VITÓRIA DE JESUS, A VIDA QUE VENCE A MORTE, É SUA PASSAGEM DA MORTE NA CRUZ PARA A RESURREIÇÃO: A PASCOA É O MISTÉRIO UNIFICADOR DE TODA A NOSSA FÉ CRISTÃ. É PRINCIPAL DA IGREJA E CONSIDERADA A MAIOR DE TODAS AS FESTAS DE IGREJA PORQUE É A FESTA DA VIDA.</p>
---	--	---	---

FIGURA 2 – Programação da Semana Santa de Cachoeira/BA 2016
Fonte: Paróquia de Nossa Senhora do Rosário e Venerável Ordem Terceira do Carmo de Cachoeira.

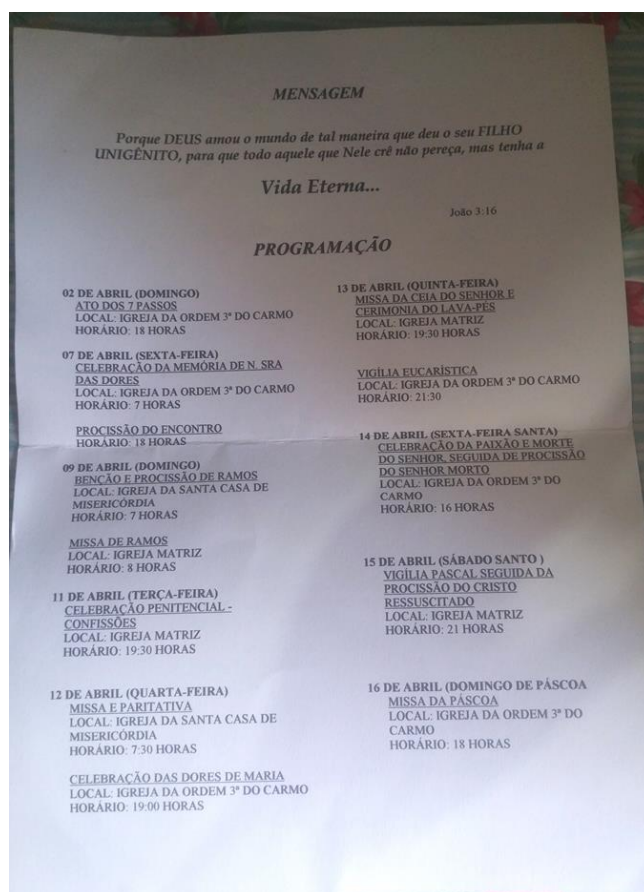


FIGURA 4 – Programação da Semana Santa de Cachoeira/BA 2017 ¹³
 Fonte: Paróquia de Nossa Senhora do Rosário e Venerável Ordem Terceira do Carmo de Cachoeira. Foto: Carolina Machado.

¹³ No programa de 2017, o termo “paritativa” consiste em um erro gráfico referente à caritativa, trabalho realizado pela paróquia para as práticas de caridade. Já no programa de 2016, a caritativa não foi citada.

1.1 Ato dos Sete Passos

O Ato dos Sete Passos tem como finalidade, relembrar as etapas da Paixão de Cristo mediante sete pinturas em painéis, que representam os momentos de Jesus até o Calvário. As cenas retratadas representam as seguintes narrações bíblicas: Cristo no monte das Oliveiras, a prisão de Jesus, a flagelação, *Ecce Homo*, a caminho do Calvário, Crucificação e Morte de Jesus e o sepultamento de Jesus ¹⁴.

Os Passos da Paixão de Cristo tradicionalmente são representados de maneira emotiva e teatral usando-se para isto recursos imagéticos. De acordo com a historiadora Maria Helena Ochi Flexor (2001), os Passos da Paixão a partir do século XVIII até a primeira metade do XIX caracterizavam-se pelo uso de imagens em tamanho natural. No século XIX, os Passos foram representados também na pintura. Um exemplo disso é a Procissão do Senhor dos Passos que se realizava na igreja da Ajuda em Salvador/BA. Os passos ou estações eram colocados no percurso onde os fiéis realizavam suas preces, ritual igualmente reproduzido em Cachoeira:

(...) Os passos eram constituídos de pintura, pelo que se sabe de influência maneirista, que foram restaurados em 1843 e substituídos em 1855, por outros pintados por José Rodrigues Nunes. Nesse caso, apenas os fiéis se deslocavam e os Passos permaneciam fixos ¹⁵.

No Ato dos Sete Passos os membros da Ordem Terceira de Cachoeira retiram os painéis do espaço onde estão acondicionados e os posicionam em locais estratégicos. Em seguida, acontece a acolhida no interior da igreja, onde os fiéis fazem suas orações e recebem folhetos narrativos. (Figura 4).

¹⁴ Os painéis foram encomendados em 1998 a três artistas muritibanos: Josafá, Luiz Marcelo e Valdiney Suzart. As obras são uma releitura dos quadros "Passos de Cristo" (1855) - Acervo do Museu de Arte da Bahia, Salvador (BA), do pintor baiano José Rodrigues Nunes, considerado um dos representantes da fase final da pintura colonial baiana.

¹⁵ Intitulada Procissão do Senhor dos Passos em Salvador, a Procissão dos Passos em Cachoeira refere-se à Procissão do Encontro. Além do Ato dos Sete Passos, outras celebrações utilizam pinturas para relembrar os momentos de Cristo em sua Paixão: Procissão dos Passos e Procissão do Senhor Morto. In: FLEXOR, Maria Helena O. Procissões na Bahia: teatro barroco a céu aberto. In: II Congresso Internacional Barroco. Porto: Universidade do Porto, 2001, p. 6 -7.

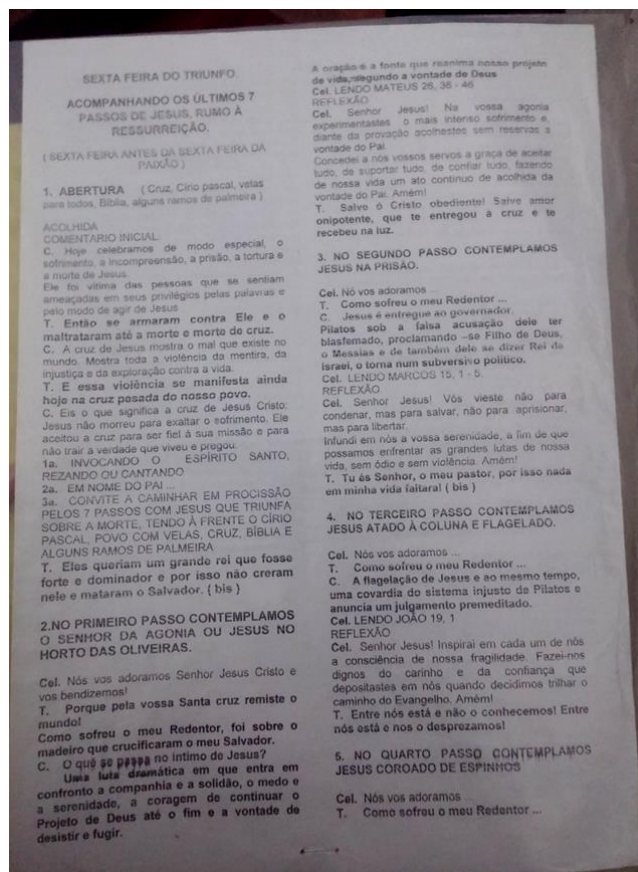


FIGURA 4 - Folheto narrativo

Fonte: Paróquia de Nossa Senhora do Rosário e Venerável Ordem Terceira do Carmo de Cachoeira.
Foto: Carolina Machado.

Os setes passos retratados nas pinturas fazem referência às representações das quatorze estações da Via Sacra¹⁶, porém os terceiros carmelitas de Cachoeira não utilizam a totalidade das quatorze estações, empregando somente sete momentos importantes da Paixão¹⁷. Segundo os estudos da historiadora Adalgisa

¹⁶ O Papa João Paulo II sugeriu de maneira opcional, inserir mais uma estação para rememorar a Ressurreição de Jesus Cristo. As quinze estações são: 1-Jesus é condenado à morte, 2-Jesus carrega sua cruz, 3-Jesus cai pela primeira vez, 4-Jesus se encontra com sua mãe, 5-Simão ajuda Jesus a carregar a sua cruz, 6-Verônica enxuga o rosto de Jesus, 7-Jesus cai pela segunda vez, 8-Jesus consola as mulheres de Jerusalém, 9-Jesus cai pela terceira vez, 10-Jesus é despojado de suas vestes, 11-Jesus é pregado na cruz, 12-Jesus morre na cruz, 13-Jesus é descido da cruz, 14-Jesus é sepultado, 15-A ressurreição de Jesus. Disponível em <<http://www.porciunculaniteroi.com.br/oracoes/26464/>> Acesso em: 14/12/2017.

¹⁷ "O número sete é um número de múltiplos significados. Pode significar o sétimo dia, no qual, concluída sua obra, Deus repousou. Daí que também as almas dos santos, após as fadigas das boas obras, repousem de todas as suas obras na felicidade eterna do Céu. Pode significar também a septiforme graça do Espírito Santo, do qual diz o Apocalipse (5,6): "Tinha ele sete chifres e sete olhos, sete são os espíritos enviados por Deus por toda a terra". Também sete são as Igrejas de que fala o Apocalipse (cfr. cap. 1), simbolizadas por sete candelabros e por sete estrelas. Nelas se representa a totalidade dos santos, como ali mesmo se declara: que os sete candelabros são as sete Igrejas e, do mesmo modo, as sete estrelas. Também por sete se designa todo o tempo presente

Arantes Campos desde o período colonial não era incomum as Ordens Terceiras Carmelitas instaladas na América Portuguesa não possuírem a totalidade das 14 estações da Via Sacra:

Aos atos solenes como os cortejos processionais de Nossa Senhora do Carmo (realizado em 16 de julho) e das cerimônias quaresmais, a saber: Procissão do Triunfo (Domingo de Ramos) e Procissão do Enterro (Sexta-feira da Paixão). Sem dúvida, a mais relevante era a procissão do Triunfo, pois acarretava o adorno de andores relativos aos sete passos da Paixão de Cristo. Normalmente tais devoções permaneciam expostas à veneração nos altares laterais dos templos terciários, constituindo-se, portanto, em imagens retabulares e processionais. Salienta-se, todavia, que nem todas as ordens terceiras possuíam a totalidade dos passos representativos da Paixão de Cristo (da Oração do Horto até o Sepultamento) ¹⁸.

Conforme mencionamos anteriormente, após receberem os folhetos narrativos os irmãos de Cachoeira são convidados a caminhar em procissão seguindo a cruz ¹⁹ que vai à frente do cortejo. (Figura 5). Nesse momento a presença da cruz conduz o fiel a examinar sua própria consciência e pedir perdão pelos seus pecados, exaltando, assim, a missão salvífica do Cristo e reconhecendo a importância de sua paixão ²⁰ para a remissão da humanidade. Caminhando assim os irmãos vão parando na frente de cada uma das sete telas com representações da Via Sacra, fazendo reverência (Nós vos adoramos...) e ouvindo em seguida a leitura das narrações feitas por membros da Ordem e da paróquia, bem como as meditações declaradas pelo diácono Alan Bacelar. As leituras e meditações são ensinamentos sobre a memória de Cristo, praticadas como uma análise espiritual,

deste mundo, que se desenvolve em ciclos de sete dias. Também os males se representam pelo sete; sete é o número da plenitude do pecado, isto é, o sete representa todos os principais vícios. Daí que o Senhor, no Evangelho (Lc 11,26), diga do espírito imundo: "Então ele vai e toma consigo outros sete piores do que ele e entram e estabelecem-se lá e a última situação do homem é pior do que a anterior". Por isso também Salomão (Prov 26,25) diz: "Não te fies nele, pois há sete abominações (isto é, diabos) na alma dele". Sete é também a plenitude dos flagelos de Deus, como diz o Levítico (26,24): "Castigar-vos-ei sete vezes pelos vossos pecados". E, além disso, sete e oito simbolizam a Antiga Lei e o Evangelho. Por isso diz o Eclesiastes (11,2): "Faze sete partes e também oito". Do mesmo modo o sete e o oito representam o repouso definitivo e a ressurreição". LAUAND, Jean. Rábano Mauro e o significado místico dos números. Videtur (USP). Porto, n. 23, 2003. p. 43-44. Disponível em: <<http://www.hottopos.com/videtur23/jean.htm>>.

¹⁸ CAMPOS, Adalgisa Arantes. A ordem Carmelita. *Per Musi*, Belo Horizonte, n.24, 2011. p.58.

¹⁹ A cruz, para os católicos - e também para outras religiões de tradição cristã - representa o sacrifício de Cristo e o seu triunfo sobre a morte. De acordo com o historiador Louis Réau: "A imagem de Cristo na cruz se impõe ao pensamento de todos os cristãos, não só como a figura do sacrifício do Deus Redentor, mas como o emblema e a garantia de sua própria salvação. É o tema central da iconografia cristã". RÉAU, Louis. Iconografia de arte Cristiana: Iconografía de la Biblia – Nuevo Testamento. Ediciones del Serbal. Tomo 1. Vol.2, 1996.

²⁰ A palavra paixão, do latim *passio*, significa sofrimento. A Paixão de Cristo, portanto, refere-se ao seu sacrifício e missão redentora.

uma vez que, integrando-se aos momentos dolorosos, o fiel alcança o entendimento de suas ações.

O primeiro passo trata do seguinte tema: Cristo no Jardim do Getsémani (localizado ao sopé do monte das Oliveiras). (Figura 6).



FIGURA 5 – Ato dos Sete Passos
Foto: Carolina Machado, 2017.



FIGURA 6 – Primeiro passo: Cristo no monte das Oliveiras
Foto: Carolina Machado, 2017.

Segundo o Evangelho de Lucas:

Jesus saiu e, como de costume, foi para o monte das Oliveiras. Os discípulos o acompanharam. Chegando ao lugar, Jesus lhes disse: “Orai para não cairdes em tentação”. Então afastou-se dali, à distância de um arremesso de pedra e, de joelhos, começou a orar. “Pai, se quiseres, afasta de mim este cálice, contudo, não seja feita a minha vontade, mas a tua!”. Apareceu-lhe um anjo do céu, que o fortalecia. Entrando em agonia, Jesus orava com mais insistência. Seu suor tornou-se como gotas de sangue que caíam no chão. (Lc 22:39-44).

Diante desse passo é feita a primeira leitura (conforme consta no folheto narrativo reproduzido na Figura 4):

“Senhor Jesus! Na vossa agonia experimentastes o mais intenso sofrimento e, diante da provação acolhestes sem reservas a vontade do Pai. Concedei a nós vossos servos a graça de aceitar tudo, de suportar tudo, de confiar tudo, fazendo de nossa vida um ato contínuo de acolhida da vontade do Pai. Amém!”²¹.

Cabe dizer que no início e fim de cada leitura feita à frente das telas a matraca é tocada²². Os fiéis deslocam-se, então, para os próximos passos num ritual invariável, porém as leituras, ensinamentos e cânticos se diferenciam de acordo com o contexto identificado em cada tela.

O segundo passo refere-se à prisão de Jesus, cuja tela correspondente apresenta o momento da prisão de Cristo e a traição de Judas. (Figura 7). Segundo o Evangelho de Marcos:

“Levantai-vos! Vamos! Aquele que vai me entregar está chegando”. Jesus ainda falava, quando chegou Judas, um dos Doze, acompanhado de uma multidão com espadas e paus; eles vinham da parte dos sumos sacerdotes, escribas e anciões. O traidor tinha combinado com eles um sinal: “É aquele que eu vou beijar. Prendei-o e levai-o com cautela”. Chegando, Judas logo se aproximou e disse: “Rabi!” E beijou-o. Então, eles lançaram as mãos em Jesus e o prenderam. Um dos presentes puxou a espada e feriu o servo do sumo sacerdote, cortando-lhe a ponta da orelha”. (Mc 14:42-47).

²¹ Os trechos dos ensinamentos apresentados na pesquisa são provenientes do folheto narrativo.

²² A matraca é um instrumento de madeira formado por peças articuladas que, ao se chocarem, produzem um som seco, representando a agonia, dor e o sofrimento de Cristo durante a flagelação.

De acordo com o Evangelho de Marcos 14:18-26²³ esse episódio ocorreu logo após a Última Ceia, na qual Cristo revelou aos seus discípulos que um deles irá traí-lo e dividiu o pão e o vinho simbolizando, respectivamente, seu corpo e o seu sangue. Em seguida, Jesus teria caminhado até o monte das Oliveiras, sendo preso por soldados ordenados pelo Sinédrio – assembleia de judeus que formavam a corte suprema de Israel – guiados pelo apóstolo Judas Iscariotes, seu traidor.



FIGURA 7 – Segundo passo: A prisão de Jesus
Foto: Carolina Machado, 2017.

A partir dessa fase, iniciam-se os eventos da Paixão. À frente da tela que representa essa passagem bíblica a segunda leitura é feita:

“Senhor Jesus! Vós vieste não para condenar, mas para salvar, não para aprisionar, mas para libertar. Infundi em nós a vossa serenidade, a fim de que possamos enfrentar as grandes lutas de nossa vida, sem ódio e sem violência. Amém!”.

²³ “Enquanto estavam à mesa comendo, Jesus disse: “Em verdade vos digo, um de vós vai me entregar, aquele que come comigo”. (...) Enquanto estavam comendo, Jesus tomou o pão, pronunciou a bênção, partiu-o e lhes deu, (...) Depois pegou o cálice, deu graças, passou-o a eles, e todos beberam. (...) Depois de cantarem o salmo, saíram para o Monte das Oliveiras”. BÍBLIA SAGRADA: Antigo e Novo Testamento. Tradução da Conferência Nacional dos Bispos do Brasil. Editora Canção Nova, 16ª reedição. Brasília, 2012. p.1262.

O terceiro passo é a tela que representa Jesus atado à coluna e sofrendo o flagelo. (Figura 8).



FIGURA 8 – Terceiro passo: Cristo atado à coluna
Foto: Carolina Machado, 2017.

Segundo o Evangelho de Lucas:

Em seguida, todo o grupo deles se levantou, e levaram Jesus a Pilatos. Começaram então a acusá-lo, dizendo: “Achamos este homem fazendo subversão entre o nosso povo, proibindo pagar os tributos a César e afirmando ser ele mesmo o Cristo, o Rei”. (...) Então Pilatos disse aos sumos sacerdotes e à multidão: “Não encontro neste homem nenhum crime”. (...) Os sumos sacerdotes e os escribas estavam presentes e o acusavam com insistência. (...) Então Pilatos convocou os sumos sacerdotes, as autoridades e o povo, e lhes disse: “Vós me trouxestes este homem como se fosse um agitador do povo. Pois bem! Já o interroguei diante de vós e não encontrei nele nenhum dos crimes de que o acusais; (...) Como podeis ver, ele nada fez para merecer a morte. Portanto, vou castigá-lo e depois o soltarei”. (Lc 23:1-16).

Desta maneira, cumpre-se a flagelação. Cristo teria sofrido diversas vezes as chicotadas disparadas em seu corpo que logo estaria dilacerado. Era o início do processo de crucificação ²⁴. À frente dessa tela é feita, então, a seguinte leitura:

“Senhor Jesus! Inspirai em cada um de nós a consciência de nossa fragilidade. Fazei-nos dignos do carinho e da confiança que depositastes em nós quando decidimos trilhar o caminho do Evangelho. Amém!”.

O quarto passo refere-se ao episódio em que Pilatos julga Jesus e nele não acha condenação alguma, mas a multidão pede sua crucificação. (Figura 9). Esse momento é narrado no Evangelho de Mateus da seguinte maneira:

Jesus foi conduzido à presença do governador, e este o interrogou: “Tu és o rei os judeus?” Jesus declarou: “Tu o dizes”. (...) Na festa de Páscoa, o governador costumava soltar um preso que a multidão quisesse. Naquela ocasião, tinham um preso famoso, chamado Barrabás. Então Pilatos perguntou à multidão reunida: “Quem quereis que eu vos solte: Barrabás, ou Jesus, que é chamado o Cristo?” (...) Os sumos sacerdotes e os anciãos, porém, instigaram as multidões para que pedissem Barrabás e fizessem Jesus morrer. (...) Eles gritaram: “Barrabás”. Pilatos perguntou: “Que farei com Jesus, que é chamado o Cristo?” Todos gritaram: “Seja crucificado!” (...) Pilatos viu que nada conseguia e que poderia haver uma revolta. Então mandou trazer água, lavou as mãos diante da multidão, e disse: “Eu não sou responsável pelo sangue deste homem. A responsabilidade é vossa!” O povo todo respondeu: “Que o sangue dele recaia sobre nós e sobre nossos filhos”. Então Pilatos soltou Barrabás, mandou açoitar Jesus e entregou-o para ser crucificado. (Mt 27:11-26).

Meditando sobre este episódio da Paixão de Cristo é feita a seguinte leitura à frente do quarto passo:

“Senhor Jesus! Que Tu sejas para nós a força que nos sustenta na tentação, a mão que nos reergue no momento da queda e o bálsamo que alivia nossas chagas, a fim de que perseveremos até o fim. Amém!”.

²⁴ Segundo o teólogo John Stott, a crucificação era o método mais cruel de execução jamais praticado, pois deliberadamente atrasa a morte até que a máxima tortura seja infligida. Antes de morrer, a vítima podia sofrer durante dias. Ao adotarem a crucificação, os romanos a reservaram para assassinos, rebeldes, ladrões, contanto que também fossem escravos, estrangeiros ou pessoas sem posição legal ou social. STOTT, John. A cruz de Cristo /tradução João Batista — São Paulo: Editora Vida, 2006. p. 9. John Stott foi um pastor e teólogo britânico, conhecido como um dos grandes nomes mundiais evangélicos foi considerado em 2005 pela Revista Time, como uma das pessoas mais influentes do mundo.



FIGURA 9 – Quarto passo: Eis o homem!
Foto: Carolina Machado, 2017.

No quinto passo os irmãos contemplam a cena de Jesus carregando a cruz às costas. Este passo marca o início da Via Sacra, ou seja, o trajeto percorrido do Pretório ao Calvário, local em que Jesus foi crucificado. (Figura 10).



FIGURA 10 – Quinto passo: Cristo carregando a cruz às costas
Foto: Carolina Machado, 2017.

No Evangelho de Lucas encontramos a passagem bíblica que descreve o caminho de Cristo até o Calvário:

Enquanto levavam Jesus, pegaram um certo Simão, de Cirene, que voltava do campo, e mandaram-no carregar a cruz atrás de Jesus. Seguia-o uma grande multidão do povo, bem como de mulheres que batiam no peito e choravam por ele. Jesus, porém, voltou-se para elas e disse: “Mulheres de Jerusalém, não choreis por mim! Chorai por vós mesmas e por vossos filhos”(…) Levavam também dois malfeitores para serem executados com ele. Quando chegaram ao lugar chamado Calvário, ali crucificaram Jesus e os malfeitores: um à sua direita e outro à sua esquerda. (Lc 23:26-33).

À frente do quinto passo os irmãos meditam sobre a seguinte leitura:

“Senhor Jesus! Nós te contemplamos carregando a cruz e Te reconhecemos como nosso Deus. Aceitando a cruz, Jesus nosso Salvador aponta para a vida nova, para um mundo mais humano e para a libertação dos males que oprimem homens e mulheres. Amém!”.

Diante do sexto passo, os devotos contemplam a cena da Crucificação e Morte de Jesus. (Figura 11). Segundo o Evangelho de Marcos:

Eles o crucificaram e repartiram as suas vestes, tirando sorte sobre elas, para ver que parte caberia a cada um. Eram nove horas da manhã quando o crucificaram. O letrado com o motivo da condenação dizia: “O Rei dos Judeus”! (...) Quando chegou o meio dia, uma escuridão cobriu toda a terra até às três horas da tarde. Às três da tarde, Jesus gritou com voz forte: “*Eloí, Eloí, lamá sabactâni?*”²⁵ (...) Então Jesus, deu um forte grito e expirou. Quando o centurião, que estava em frente dele, viu que Jesus assim tinha expirado, disse: “Na verdade, este homem era Filho de Deus!”. (Mc 15:24-39).

No sexto passo os irmãos meditam sobre a seguinte leitura:

“Senhor Jesus! Tu não Te apegaste a tua condição divina, mas como homem te esvaziaste por inteiro, assumindo a condição de servo, humilhando-se até a morte e morte de cruz. Ensina- nos a dizer diante de cada angustia de nossa vida: “Pai, nas tuas mãos entrego meu espírito”.



FIGURA 11 – Sexto Passo: Crucificação e morte de Jesus
Foto: Carolina Machado, 2017.

²⁵ Tradução: “Meu Deus, meu Deus, por que me abandonaste?” (Mc 15:34). BÍBLIA SAGRADA: Antigo e Novo Testamento. Tradução da Conferência Nacional dos Bispos do Brasil. Editora Canção Nova, 16ª reedição. Brasília, 2012. p.1265.

O sétimo e último passo refere-se ao sepultamento de Jesus. Cristo teria sido enterrado em um sepulcro oferecido por José de Arimatéia. Mencionado na Bíblia como “discípulo secreto de Jesus”²⁶ Pilatos atribuiu a José o pedido para apossar-se do corpo de Cristo. (Figura 12).



FIGURA 12 – Sétimo Passo: O sepultamento
Foto: Carolina Machado, 2017.

Este episódio da Paixão foi narrado no Evangelho de Mateus da seguinte maneira:

²⁶ “Depois disso, José de Arimatéia, pediu a Pilatos para retirar o corpo de Jesus; ele era discípulo de Jesus às escondidas, por medo dos judeus. Pilatos o permitiu. José veio e retirou o corpo de Jesus”. (Jo 19:38). BÍBLIA SAGRADA: Antigo e Novo Testamento. Tradução da Conferência Nacional dos Bispos do Brasil. Editora Canção Nova, 16ª reedição. Brasília, 2012. p. 1337.

Ao entardecer, veio um homem rico de Arimatéia, chamado José, que também se tornara discípulo de Jesus. Ele foi procurar Pilatos e pediu o corpo de Jesus. Então Pilatos mandou que lhe entregasse o corpo. José, tomando o corpo, envolveu-o num lençol limpo e o colocou no túmulo novo, que mandara escavar na rocha. Em seguida, rolou uma grande pedra na entrada do túmulo e retirou-se. (Mt 27: 57-60).

Meditando sobre o significado da morte e da ressurreição de Cristo, a seguinte leitura é feita:

“Celebrando os 7 passos de Jesus rumo à Ressurreição sentimos quanto e franco ainda nosso amor, apesar de entendermos melhor o sofrimento dos outros. Acreditamos que não há morte sem Ressurreição; isso é a razão de nossa fé! A VIDA TRIUNFA SOBRE A MORTE!”.

Concluída a última leitura os fiéis rezam o Pai Nosso e a Ave Maria, realizam o pedido de benção, se despedem com abraços e fazem o sinal da cruz na frente de quem está ao lado, encerrando o Ato dos Sete Passos.

1.2 Missa em Memória de Nossa Senhora das Dores

A Missa em Memória de Nossa Senhora das Dores realizada na capela da Ordem Terceira do Carmo tem como objetivo evocar as sete dores de Maria associadas à Paixão de seu filho Jesus. A missa é celebrada na manhã de sexta feira, mesma data em que se realiza à noite a Procissão dos Passos ou, como também é conhecida, a Procissão do Encontro²⁷. (Figura 13).

²⁷ “A Paixão de Jesus, seu calvário rumo à crucificação, logo a consumação física de seu corpo humanizado, notadamente seu último encontro com a mãe, razão pela qual também pode ser chamada de procissão do encontro (...) em termos de dramatização ritual, é um cortejo público de fiéis, que revivem as etapas da Paixão de Cristo, distribuídas na forma de sete passos que correspondem a alguns dos episódios do caminho doloroso de Cristo entre o Pretório e o Calvário”. PEREZ, Léa Freitas. Passos de uma pesquisa nos passos das procissões lisboetas. Centro de Investigação e estudos de Sociologia. Lisboa, 2010. p.12-13.



FIGURA 13 – Missa em memória de Nossa Senhora das Dores
Fonte: Anderson Luís de Jesus Pinto, 2017.

A Ordem Terceira de Cachoeira tem a particularidade de celebrar as dores de Nossa Senhora em dois momentos: na missa propriamente dita e na Procissão dos Passos. A missa, ao recordar as dores, retrata a separação da mãe e do filho no dia em que Jesus foi preso e, por isso, a imagem de Nossa Senhora²⁸ é retirada da capela dos terceiros carmelitas e conduzida até a igreja matriz de Cachoeira, de onde sairá à noite para a procissão do Encontro. De acordo com a interpretação teológica da Igreja Católica, as sete dores correspondem a:

1. A profecia de Simeão – “Ora, em Jerusalém vivia um homem piedoso e justo, chamado Simeão. (...) Pelo próprio Espírito Santo,

²⁸ A devoção a Nossa Senhora das Dores surgiu em Florença, na Itália, em 15 de setembro de 1233 pela Ordem dos Servos de Maria (Ordem dos Servitas). “A Ordem dos Servos de Maria foi fundada por sete ricos comerciantes, que além da profissão tinham em comum a devoção à Virgem Maria. Sendo assim, dedicaram-se a não guardar nada para si, venderam os seus bens, deixando o suficiente para suas famílias e distribuindo o resto aos pobres. (...) viviam como se fossem “um só coração e uma só alma”, levando uma vida austera, dedicada à oração, à contemplação, à penitência, à mendicância e às obras de caridade em favor dos pobres e doentes. A Virgem Maria era a grande inspiradora do novo grupo religioso que nascia. Por isso, assumiram o nome de “Servos de Santa Maria”. Disponível em: <http://servitasbrasil.org/>. Acesso em: 30/10/2017.

ele teve uma revelação divina de que não morreria sem ver o Ungido do Senhor. Movido pelo Espírito, foi ao templo. Quando pais levaram o menino Jesus ao templo para cumprirem as disposições da Lei, Simeão tomou-o nos braços e louvou a Deus (...) Simeão os abençoou e disse a Maria, a mãe: “Este menino será causa de queda e de reerguimento para muitos em Israel. Ele será um sinal de contradição - uma espada traspassará a tua alma!”. (Lc 2:25-35).


2. A fuga para o Egito – “Depois que os magos se retiraram, o anjo do Senhor apareceu em sonho a José e lhe disse: “Levanta-te, toma o menino e sua mãe e foge para o Egito! Fica lá até que eu te avise, porque Herodes vai procurar o menino para mata-lo”. José levantou-se, de noite, com o menino e a mãe, retirou-se para o Egito”. (Mt 2:13-14).
3. A perda do Menino Jesus no Templo – “Todos os anos, os pais de Jesus iam a Jerusalém para a festa da páscoa. Quando completou doze anos, eles foram para a festa, como de costume. Terminados os dias da festa, enquanto eles voltavam, Jesus ficou em Jerusalém, sem que seus pais percebessem. (...) Mas, como não o encontrassem, voltaram a Jerusalém, procurando-o. Depois de três dias, o encontraram no templo, sentado entre os mestres (...) Quando o viram, seus pais ficaram comovidos, e sua mãe lhe disse: “Filho, por que agiste assim conosco? Olha, teu pai e eu estávamos, angustiados, à tua procura”. (Lc 2:41-48).
4. O encontro com Jesus no caminho do Calvário – “Seguia-o uma grande multidão do povo, bem como de mulheres que batiam no peito e choravam por Jesus”. (Lc 23:27).
5. A morte de Jesus na Cruz – “Junto à cruz de Jesus, estavam de pé sua mãe e a irmã de sua mãe, Maria de Cléofas, e Maria Madalena. Jesus, ao ver sua mãe e, ao lado dela, o discípulo que ele amava,

disse a mãe: “Mulher, eis aí o teu filho.” Depois disse ao discípulo: “Eis a tua mãe!”. (Jo 19:25-27).

6. O lado de Jesus é transpassado e Ele é retirado da cruz – “Havia um homem bom e justo, chamado José, membro do sinédrio, o qual não tinha aprovado a decisão nem a ação dos outros membros. Ele era de Arimatéia, uma cidade da Judéia, e esperava a vinda do Reino de Deus. José foi ter com Pilatos e pediu o corpo de Jesus. Desceu o corpo da cruz, enrolou-o num lençol e colocou-o num túmulo escavado na rocha, onde ninguém ainda tinha sido sepultado”. (Lc 23:50-53).
7. O sepultamento de Jesus – “As mulheres que com Jesus vieram da Galiléia, acompanharam José e observaram o túmulo e o modo como o corpo de Jesus ali era colocado”. (Lc 23:55).

Os devotos chegam para a missa e recebem os folhetos. Próximos à imagem de Nossa Senhora fazem suas orações. A celebração tem início com o canto intitulado no latim como *Stabat Mater*²⁹, que significa “Estava a Mãe”, rememorando o sofrimento de Maria durante a Crucificação de Jesus. (Figuras 14).

²⁹ Trecho do cântico *Stabat Mater* ilustrado no folheto narrativo: “Estava a mãe dolorosa, junto a Cruz lacrimosa, enquanto o Filho pendia. Mãe de Jesus transpassada, de dores ao pé da Cruz, rogai por nós, rogai por nós, rogai por nós a Jesus”.



VENERÁVEL ORDEM 3ª DO CARMO
- SODALÍCIO DA CACHOEIRA -

MISSA EM MEMÓRIA DE
NOSSA SENHORA DAS DORES

CANTO INICIAL (Stabat Mater)

1-Estava a mãe dolorosa, junto a Cruz lacrimosa/ enquanto o Filho pendia,
(bis)
Ref.: Mãe de Jesus transpassada, de dores ao pé da Cruz/ rogai por nós, rogai
por nós, rogai por nós a Jesus (bis)

2-Dni que essas chagas sagrada, sejam bem fundo cravadas,/ Senhora em meu
coração, (bis)

3-Quero ficar junto à cruz, velar contigo a Jesus, /e o teu pranto enxugar.

4-Pobre mãe, tão desolada, ao vê-la assim transpassada,/ quem de dor não
choraria. (bis)

5-No julgamento consegue, que às chamas não seja entregue/ quem soube em
ti se abrigar. (bis)

6-Que a santa cruz me proteja, que eu vença a dura peleja,/ possa do mal
trunfar. (bis)

7-Quando eu da terra partir, para o céu possa subir/ e então contigo estar.

ATO PENITENCIAL

Senhor, tende piedade de nós. Senhor, tende piedade de nós:
Pai de infinita bondade, que a tua vontade se
faça verdade no meio de nós!
Senhor Jesus Cristo, piedade, piedade de mim que não
te obedeci nem segui tua voz!
Que teu Espírito Santo nos mostre o caminho
de paz e justiça, sem ódio e sem dor!

ACLAMACÃO

Escuta Israel, Javé teu Deus vai falar
Escuta Israel, Javé teu Deus vai falar
Fa-la Senhor Javé, Israel quer te escutar...
Fa-la Senhor Javé, Israel quer te escutar... (2X)

OFERTÓRIO

1. Senhor, vos ofertamos, em súplica oração /
o cálice com vinho e na patena o pão (bis)
2. O pão vai converter-se na Carne de Jesus
E o vinho será Sangue que derramou na Cruz. (bis)

3. Senhor, Vos damos tudo: nosso pesar e gozo,
Nossa alegria e dores, trabalhos e repouso. (bis)

4. A voz do sacerdote que é a nossa voz
Vos dá a Hóstia Viva que somos todos nós. (bis)

SANTO

O Senhor é Santo (3X)
O Senhor é nosso Deus, o Senhor é nosso Pai
Que Seu reino de Amor se estenda sobre a terra/ O Senhor é Santo. (3X)
Bendito o que vem em nome do Senhor
Bendito o que vem em nome do Senhor
Hosana, Hosana, Hosana.

COMUNHÃO

Achei Jesus nos braços de Maria
Achei Jesus, achei meu salvador
Achei o bem, a vida e a alegria
Achei Jesus meu Deus, consolador
Meu bom Jesus, tesouro de minha alma
Oh! Quantos bens, sobre mim derramais

Vós sois a vida e o céu de quem vos ama
Achei Jesus e não o deixo mais

Achei Jesus no Santo Sacramento
Seu coração achei em seu altar
Achei Davi o imortal dos tempos
Com que me hei sempre de noivar
Achei Jesus a fonte soberana
De todo bem de toda perfeição
Sou mais feliz que a samaritana
Meu bom Jesus eu vi o seu coração
Achei Jesus achei o meu amado
Achei a vida a luz e o amor
Achei Jesus por mim sacramentado
Achei no céu e na glória o penhor

ACÃO DE GRACAS (Nossa Senhora: Virgem do Silêncio)

HINO FINAL

1. Ó mãe dolorosa que aflita chorais, repleta de angústias, bendita sejas!
Bendita sejas, Senhora das Dores, ouvi nossos rogos, mãe dos pecadores.

2. A voz de Simeão, no Templo escutais, crieis profecias, bendita sejas!
Bendita sejas, Senhora das Dores, ouvi nossos rogos, mãe dos pecadores.

3. Que dor indizível, quando o encontras, com a cruz às costas, bendita sejas!
Bendita sejas, Senhora das Dores, ouvi nossos rogos, mãe dos pecadores.

4. No vosso regaço seu corpo abrigais, com ele abraçais, bendita sejas!
Bendita sejas, Senhora das Dores, ouvi nossos rogos, mãe dos pecadores.

5. Sem filho e tal filha, então suportais, cruel solidão, bendita sejas!
Bendita sejas, Senhora das Dores, ouvi nossos rogos, mãe dos pecadores.

FIGURAS 14 – Folheto da missa
Fonte: Paróquia Nossa Senhora do Rosário e Venerável Ordem Terceira do Carmo de
Cachoeira. Foto: Carolina Machado, 2017.

Logo após, surge o ato penitencial, ou seja, o reconhecimento dos fiéis perante seus pecados. Numa confissão geral, pedem perdão a Deus, e se preparam para receberem a eucaristia: *“Senhor, tende piedade de nós. Senhor, tende piedade de nós! Pai de infinita bondade, que a tua vontade se faça verdade no meio de nós!”*. Após o ofertório as hóstias são consagradas pelo sacerdote e distribuídas, logo em seguida, aos presentes. Vestidas de branco, após a missa as irmãs se encarregam de levar em procissão solene a imagem de Nossa Senhora das Dores até a igreja Matriz de Cachoeira, onde ela permanecerá até a realização da procissão do Encontro ³⁰. (Figuras 15, 16 e 17).



FIGURA 15 – Saída da imagem de Nossa Senhora
Foto: Carolina Machado, 2017

³⁰ Esse gesto além de simbolizar a separação de Maria e Jesus no momento da condenação, reflete também o intenso sofrimento de uma mãe por seu filho, por esse motivo elas carregam suas dores.



FIGURA 16 – Cortejo em direção à igreja matriz
Fonte: Anderson Luís de Jesus Pinto, 2017.



FIGURA 17– Chegada da imagem à igreja matriz
Foto: Carolina Machado, 2017.

1.3 Procissão dos Passos: O Encontro

A Procissão dos Passos, também conhecida como Procissão do Encontro rememora o episódio em que o Cristo, carregando sua cruz a caminho do Calvário, encontra sua mãe ³¹. Por esta razão, os irmãos da Ordem Terceira do Carmo de Cachoeira saem de sua capela carregando o andor com a imagem do Senhor dos Passos, enquanto as irmãs aguardam à frente da igreja matriz, onde está o andor de Nossa Senhora das Dores. À medida que o cortejo do Senhor dos Passos segue por algumas ruas da cidade, o de Nossa Senhora das Dores percorre o caminho oposto para que logo mais se encontrem e sigam juntos. (Figuras 18 e 19).



FIGURA 18 – Saída da imagem do Senhor dos Passos
Foto: Carolina Machado, 2017.

³¹ “Quanto às devoções do Senhor dos Passos e de Nossa Senhora das Dores (...), suas origens remontam ao século XV medieval, época em que a arte religiosa, influenciada pelas representações teatrais dos “mistérios” promovidas pelas confrarias, enfatizou o lado patético nas cenas da Paixão, com nuances de realismo, que incluíam já nessa época as imagens de vestir”. OLIVEIRA, Myriam Andrade Ribeiro de. *Devoção e Arte: Imaginária Religiosa em Minas Gerais*. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2005. p.21.



FIGURA 19 – Procissão de Nossa Senhora das Dores
Foto: Ricardo Lago, 2017.

Conforme podemos observar na figura 20, à frente do cortejo do Senhor dos Passos vai um irmão da Ordem Terceira do Carmo carregando uma cruz. Logo atrás dele estão o frei Raimundo Brito (sacerdote paramentado), alguns fiéis vestidos de modo a representar Maria Madalena, João Evangelista (carregando a Bíblia), Verônica (personagem que segura o Santo Sudário)³².

³² Verônica seria uma mulher que teria enxugado o rosto de Jesus, sujo de sangue e suor com um pano (Sudário) e nele a face de Cristo ficou estampada. O papel da personagem nessas celebrações, vem de uma tradição da Igreja Católica baseada em escritos apócrifos. Mesmo sem a legitimação da sua existência, a representação do gesto nobre de Verônica repercute nos atos religiosos da Igreja Católica até hoje, especialmente no período da Semana Santa.



FIGURA 20 – Procissão dos Passos
Foto: Carolina Machado, 2017.

Cabe dizer que durante o percurso do Senhor dos Passos, as sete telas da Via Sacra (usadas no Ato dos Sete Passos conforme apresentamos anteriormente), são colocadas em pontos diferentes da caminhada, reproduzindo a via dolorosa de Jesus. Cada vez que o cortejo chega a um desses pontos, os irmãos fazem uma "parada" ³³ e a interprete de Verônica exibe a imagem do rosto de Cristo estampada em um pano de linho e entoia o seguinte canto: "*O vos omnes qui transitis per viam, attendite et videte, si est dolor similis sicut dolor meus*" ³⁴. (Figura 21). Terminado o canto de Verônica, a matraca é tocada e a procissão segue.

³³ Termo utilizado de forma peculiar pelos membros da Ordem Terceira do Carmo de Cachoeira, para se referirem aos pontos em que foram colocadas as telas que representam a Via Sacra.

³⁴ Tradução em português: Oh vós todos que passais pela via, vinde e vede, se há dor semelhante à minha! <<https://www.letas.mus.br/catolicas/o-vos-omnes-latim/traducao.html>> Acesso em: 14/11/2017.



FIGURA 21 – O canto da Verônica
Foto: Carolina Machado, 2017.

De acordo com a historiadora Ewa Kuryluk,

O encontro Jesus-Verônica transformou-se num melodrama em representações da paixão, entre os séculos XV e XVIII, que funcionaram como óperas religiosas e paralelos teatrais dos programas pictóricos das vias crucis e dos calvários³⁵.

O encontro das imagens do Senhor dos Passos e de Nossa Senhora das Dores acontece no ponto do percurso processional em que foi colocada a quarta tela com a representação de um dos passos da Via Sacra, exatamente na frente da capela do Colégio Santíssimo Sacramento (Sacramentinas). Acredita-se que esse local foi escolhido devido à fachada do prédio possuir o formato de uma cruz. As imagens são colocadas uma à frente da outra e a Verônica, situada no espaço entre os andores, canta novamente sua dor. Após o cântico, o frei Raimundo Brito realiza o sermão do encontro. (Figura 22). Finalizado esse ato, o andor do Senhor dos

³⁵ KURYLUK, Ewa. Santa Verônica e o Sudário: história, simbolismo, lendas e estruturas da imagem verdadeira. Tradução de Inês Antônia Lohbauer. São Paulo: IBRASA, 1993. 320p. (Coleção Gnose; v.39).

Passos e de Nossa Senhora das Dores seguem juntos em um único cortejo processional. (Figura 23).



FIGURA 22 – O encontro
Foto: Carolina Machado, 2017.



FIGURA 23 – Nossa Senhora acompanha Jesus
Foto: Carolina Machado, 2017.

A celebração é extensa, pois percorre as principais ruas da cidade, iniciando na Praça da Aclamação, encaminhando-se para as ruas Rui Barbosa, Rua da Feira (Ponta da Calçada), Praça Manoel Vitorino, Rua Treze de Maio, Bairro do Caquende e finalizando no claustro da capela dos terceiros carmelitas, onde a Verônica canta novamente e o frei faz um novo sermão. (Figura 24).



FIGURA 24 – Encerramento da Procissão dos Passos
Foto: Anderson Luís de Jesus Pinto, 2017.

Encerrado o sermão, os irmãos acomodam as imagens processionais no interior da capela, onde os fiéis aguardam para realizarem suas preces e receberem as rosas que ornamentam o andor do Senhor dos Passos. (Figura 25).



FIGURA 25 – Momento de adoração
Foto: Carolina Machado, 2017.

1.4 Celebração das Dores de Maria

Realizada na igreja da Ordem Terceira do Carmo, a Celebração das Dores de Maria tem como objetivo meditar sobre as dores de Nossa Senhora. Essa celebração tem a mesma intenção da Missa em Memória relatada anteriormente, porém seu rito é diferente. A Missa em Memória é celebrada por padres ordenados³⁶ e realizada no dia da Procissão dos Passos, marcando a separação de mãe e filho para o doloroso encontro. Já a Celebração das Dores é realizada pelos leigos membros da Ordem Terceira Carmelita na quarta feira, baseando-se em cânticos e orações. (Figura 26).

³⁶ Por vezes, a celebração é realizada pelo próprio pároco da cidade ou um vigário que é o seu auxiliar. Tanto em 2016 quanto em 2017, as celebrações foram realizadas pelo Frei Raimundo Brito que é o orientador espiritual da Ordem Terceira do Carmo de Cachoeira.



FIGURA 26 – Celebração das dores de Maria
Foto: Anderson Luís de Jesus Pinto, 2017.

Sete irmãos fazem a leitura das narrações referente ao tema, cantam, acendem uma das sete velas que estão sobre a credência e rezam juntos o terço com sete Ave Marias. Depois de cumprirem o ritual, os fiéis se aproximam da imagem para reverenciar e realizar gestos devocionais, finalizando a celebração. (Figuras 27 e 28).



FIGURA 27 – As sete dores de Maria
Foto: Anderson Luís de Jesus Pinto, 2017.



FIGURA 28 – Ritual da vela na celebração das dores de Maria
Foto: Anderson Luís de Jesus Pinto, 2017

1.5 Procissão do Senhor Morto

Na sexta feira, às 16h, é celebrada uma missa com cânticos e leituras (veja o folheto da missa na figura 31) na capela da Ordem Terceira do Carmo de Cachoeira pelo padre Antônio Carlos Lucas da Trindade (Padre Tota). Uma cruz de madeira e um esquife com a imagem do corpo de Cristo coberto por um tecido branco ficam expostos na capela-mor, enquanto na lateral esquerda fica o andar com a imagem de Nossa Senhora das Dores segurando um pergaminho que exhibe a figura de seu filho morto. (Figuras 29 e 30).



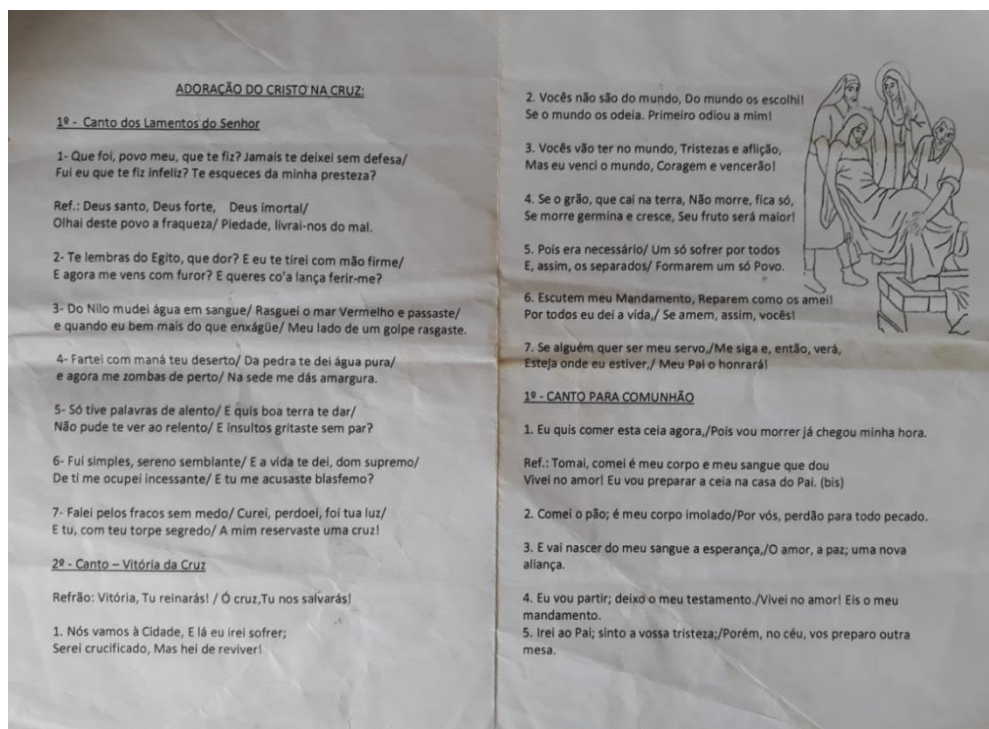
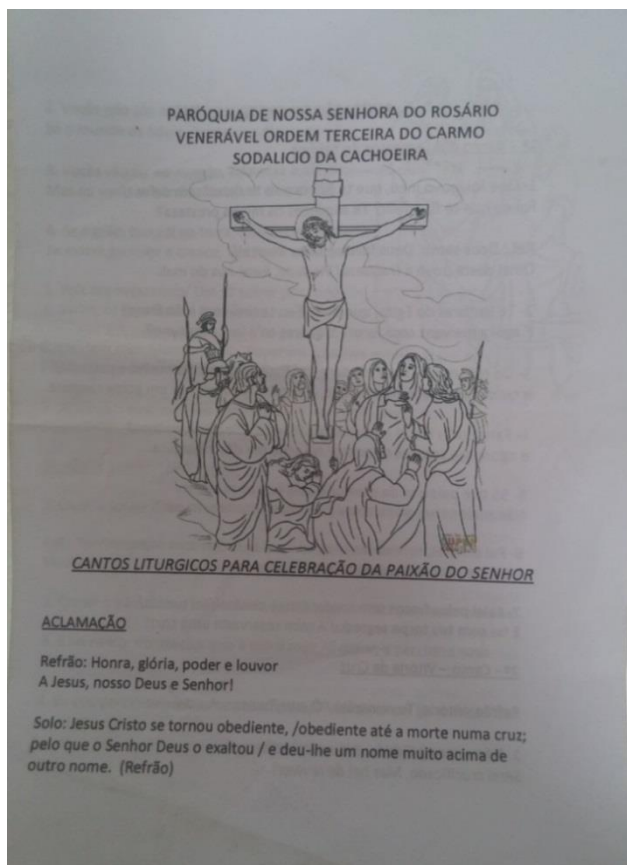
FIGURA 29 – Esquife com o corpo de Cristo
Foto: Anderson Luís de Jesus Pinto, 2017.



FIGURA 30 – Andor de Nossa Senhora das Dores
Foto: Carolina Machado, 2017.

Logo após a missa, os membros das Ordem Terceira do Carmo realizam, de maneira teatral, a leitura das passagens referentes aos últimos momentos de Cristo. (Figuras 31). É feita uma encenação na qual cada membro torna-se um personagem. No fim da leitura a morte de Jesus é anunciada e todos os fiéis se ajoelham em silêncio por um breve momento. Posteriormente, realiza-se a adoração do Cristo na cruz, momento em que muitos fiéis permanecem ajoelhados, emocionados com a entrada da imagem do crucificado coberta por um tecido roxo³⁷. (Figura 32).

³⁷ O roxo é uma das cores litúrgicas que a Igreja Católica utiliza no período da Semana Santa, simbolizando o luto, o sofrimento e a penitência. Em Cachoeira, o costume de cobrir toda a igreja com tecido roxo foi abolido, exceto na utilização dos paramentos litúrgicos.



FIGURAS 31 – Folheto da celebração da Paixão do Senhor
Fonte: Paróquia Nossa Senhora do Rosário e Venerável Ordem Terceira do Carmo de
Cachoeira. Foto: Carolina Machado.



FIGURA 32 – Entrada do Cristo Crucificado
Foto: Carolina Machado, 2017.

Cânticos de lamentação são entoados, enquanto o tecido é retirado da imagem para que todos vejam as chagas de Cristo. Nesse momento, os fiéis realizam uma fila para adorar ao Cristo Crucificado. (Figura 33). Finalizando esse ritual, novos cânticos são executados e os fiéis formam novamente uma fila para outro momento, a comunhão, concluindo a celebração e seguindo para a Procissão do Senhor Morto. Como no ano de 2017 a chuva não cessava e a falta de energia elétrica na cidade dificultaria a caminhada pelas ruas, a Ordem informou a todos que por questões de segurança, a procissão teria que ser realizada em um trajeto curto e sem a disposição das telas dos sete passos ³⁸.

³⁸ A Ordem Terceira de Cachoeira tem como tradição reafirmar a Paixão de Cristo em três celebrações da Semana Santa, inserindo as telas da Via Sacra no Ato dos Sete Passos, Procissão dos Passos (Encontro) e Procissão do Senhor Morto.



FIGURA 33 – Adoração do Cristo na cruz
Foto: Carolina Machado, 2017.

Os irmãos, então, carregando o andor com a imagem do Cristo Morto debaixo do pálio (ou dossel), vão à frente do cortejo seguidos pelo andor com a imagem de Nossa Senhora das Dores que é acompanhada também por três pessoas vestidas dos personagens de Maria Madalena (que carrega a coroa de espinhos), Verônica³⁹ e São João Evangelista. (Figura 34). Após a realização do percurso processional, os irmãos retornam para a capela de sua ordem. Lá o Cristo Morto será guardado.

³⁹ A intérprete de Verônica cantou sete vezes a lamentação. Sendo assim, a Ordem Terceira de Cachoeira, rememora o sofrimento de Verônica em dois momentos da Semana: durante a Procissão dos Sete Passos, no caminho doloroso para o Calvário e na Procissão do Senhor Morto com a morte de Jesus. Na Bíblia, esses episódios acontecem no mesmo dia, porém, em Cachoeira, as celebrações possuem longa duração e por conta disso, foram divididas em duas sextas feiras.



FIGURA 34 – Procissão do Senhor Morto
Foto: Carolina Machado, 2017.

1.6 Procissão do Cristo Ressuscitado

No sábado, dia seguinte à realização da procissão do Senhor Morto, a imagem do Ressuscitado é ornamentada, dando início aos preparativos dos últimos dias do Tríduo Pascal, com as celebrações da Vigília Pascal e Procissão do Cristo Ressuscitado. (Figura 35).

A Vigília Pascal acontece na igreja Matriz e pode ser dividida em quatro etapas. A primeira etapa da Vigília acontece com a bênção do fogo novo. Em uma fogueira, o padre acende o círio pascal, simbolizando o Cristo revivido, o Cristo como Luz do mundo. Segundo Ricardo Dotro e Geraldo García, o Círio Pascal é:

Uma vela grande, belamente adornada por uma cruz, as letras *alfa* e *ômega* (primeira e última do alfabeto grego) e os quatro números do ano em curso. É benzida solenemente durante a Vigília Pascal e acesa com o fogo novo. Nessa noite, o diácono ou o sacerdote entram no templo, que está às escuras, com o círio aceso, simbolizando Cristo, luz do mundo, vencedor

das trevas do mal e da morte. É o sinal de Cristo ressuscitado presente na Igreja⁴⁰.



FIGURA 35 – Andor do Cristo Ressuscitado
Foto: Anderson Luís de Jesus Pinto, 2017.

Neste momento, a igreja permanece às escuras enquanto os fiéis acendem suas velas no círio. Em seguida, os fiéis retornam a igreja como uma “procissão” num rito chamado Lucernário. As chamas das velas e do círio iluminam o local como um sinal de que todos estão reacendendo a fé em Cristo. A segunda etapa refere-se ao momento em que o diácono canta em português, o *Exsultet*: “*Exulte de alegria a multidão dos Anjos, exultem as assembleias celestes, ressoem hinos de glória, para anunciar o triunfo de tão grande Rei. (...) Alegre-se a Igreja, nossa mãe, adornada*

⁴⁰ DOTRO, Ricardo Pascual; HELDER, Geraldo García. Dicionário de Liturgia. Edições Loyola. São Paulo, 2006. p.40-41.

com os fulgores de tão grande luz e ressoem neste templo as aclamações do povo de Deus”⁴¹.

Em seguida realiza-se a terceira etapa com a Liturgia da Palavra, ou seja, a leitura de trechos bíblicos. Finalizando as leituras, inicia-se a quarta etapa, com o canto do Glória (*Glória a Deus nas alturas*), momento em que o badalar do sino da igreja Matriz, simbolizando a alegria pela vida de Jesus, anuncia sua ressurreição. Com o soar do sino, os irmãos terceiros conduzem a imagem do Cristo Ressuscitado à igreja Matriz para a Procissão do Cristo Ressuscitado, conhecida localmente como Procissão do Ligeirinho. Esse nome vem de uma característica peculiar de Cachoeira, na qual os fiéis participam da procissão, correndo pelas ruas da cidade, representando a maneira como os apóstolos reagiram ao saber da ressurreição de Jesus. Esse episódio está escrito no Evangelho de Marcos:

Passado o sábado, Maria Madalena e Maria, a mãe de Tiago, e Salomé compraram perfumes para embalsamar o corpo de Jesus. E bem cedo no primeiro dia da semana, ao raiar do sol, foram ao túmulo. (...) quando olharam, perceberam que a pedra já tinha sido removida. Entraram, então, no túmulo e viram um jovem sentado do lado direito, vestido de branco. E ficaram muito assustadas. Mas o jovem lhes disse: “Não vos assusteis! Procurais Jesus, o nazareno, aquele que foi crucificado? Ele ressuscitou! (...) Mas ide, dizei a seus discípulos (...) Elas, em tremor e fora de si, saíram e fugiram do túmulo. (...) Ressuscitado na madrugada do primeiro dia depois do sábado, Jesus apareceu primeiro a Maria Madalena. Ela foi anunciar o fato aos seguidores de Jesus, que estavam de luto e choravam. Quando ouviram que ele estava vivo e tinha sido visto por ela, não acreditaram. (...) Por fim, Jesus apareceu aos onze discípulos, (...) E disse-lhes: “Ide pelo mundo inteiro e anunciai a Boa-Nova a toda criatura!”(...) Depois de falar com os discípulos, o Senhor Jesus foi elevado ao céu e sentou-se à direita de Deus. Então os discípulos foram anunciar a Boa Nova por toda a parte. (Mc 16: 1-20)⁴².

Após o trajeto concluído, a imagem é recolhida na igreja da Ordem Terceira. No domingo, último dia do Tríduo Pascal, é celebrada a missa de Páscoa, encerrando os festejos da Semana Santa na cidade de Cachoeira.

⁴¹ É a primeira palavra que dá nome ao precônio pascal, significa: Alegre-se! É um hino anônimo do século IV, de louvor à noite, a Cristo e ao círio. É como um prefácio solene da grande festa pascal que convida a assembleia a somar-se à alegria e ao louvor pelas maravilhas do Senhor. In: DOTRO, Ricardo Pascual; HELDER, Geraldo García. Dicionário de Liturgia. Edições Loyola. São Paulo, 2006. p. 68, 131-132.

⁴² BÍBLIA SAGRADA: Antigo e Novo Testamento. Tradução da Conferência Nacional dos Bispos do Brasil. Editora Canção Nova, 16ª reedição. Brasília, 2012. p.1265-1266.

CAPÍTULO 2 – A DOCUMENTAÇÃO DO ACERVO IMAGÉTICO TRADICIONALMENTE USADO NOS RITOS DA SEMANA SANTA CELEBRADOS EM CACHOEIRA

A Ordem Terceira do Carmo de Cachoeira expõe seu acervo de imagens processionais na sacristia da capela. Desta maneira, utilizamos os estudos sobre documentação museológica para o registro das informações do acervo imagético tradicionalmente usado nos ritos da Semana Santa em Cachoeira. Segundo a museóloga Renata Padilha, a documentação museológica:



Possui essencialmente o objetivo de organizar e de possibilitar a recuperação da informação contida em seu acervo. Uma vez realizadas essas ações, os objetos e/ou as coleções museológicas se tornam fonte de informação (para curadoria, pesquisa científica, ações culturais e educativas, publicações diversas, entre outras) que poderá produzir novos conhecimentos.⁴³

Para o desenvolvimento desta etapa da pesquisa, aplicamos os procedimentos de seleção, ou seja, analisando exclusivamente o acervo que participa das celebrações da Semana Santa; pesquisas (de campo e bibliográfica), e a interpretação e organização das informações adquiridas. Em seguida, as fichas documentais foram elaboradas com base no modelo apresentado pelo IPHAN no Inventário de Bens Móveis e Integrados sobre a Ordem Terceira do Carmo de Cachoeira, apresentando informações sobre a identificação do objeto, suas características e informações contextuais.

Ainda que a documentação do IPHAN seja um instrumento de auxílio para salvaguarda dos objetos, um meio de comunicação que apresenta dados relevantes para a pesquisa, não utilizamos das informações sobre características estilísticas, dados históricos e especificação do estado de conservação, já que algumas informações do acervo estão incompletas ou não foram identificadas. Elaboramos fichas sobre as telas da Via Sacra (1998) que não foram documentadas pelo IPHAN já que o Inventário foi produzido em 1994, atualizamos as informações

⁴³ PADILHA, Renata Cardozo. Documentação Museológica e Gestão de Acervo. Coleção Estudos Museológicos, v.2. Florianópolis: FCC, 2014. p.36.

principalmente na questão iconográfica e incluímos a descrição do acervo também neste item.

Identificação do Acervo:		
1. UF/Cidade: BA/Cachoeira	2. Acervo: Igreja da Ordem Terceira do Carmo	3. Local no prédio: Claustro
4. Proprietário: Venerável Ordem Terceira do Carmo	5. Responsável Imediato: Antônio Melo Pereira	6. Designação: Tela dos sete passos da Paixão
7. Espécie: Painel	8. Natureza: Pintura	9. Ano/Época: 1998
10. Autoria: Josafá, Luiz Marcelo e Valdiney Suzart.	11. Técnica/Material: Óleo sobre tela	12. Origem: Muritiba/BA
13. Modo de Aquisição: Compra mediante encomenda	14. Número de Registro: BA/98 – 0001	15. Dimensões: Altura: 1,90 cm Largura: 1,60 cm
16. Documentação Fotográfica: 		17. Inscrições/Legendas: OBRA: Josafá, Suzart, Luiz Marcelo. “1 – ‘Cristo no Monte das Oliveiras’ – Releitura dos quadros de José Rodrigues Nunes. Curitiba, outono de 1998. Bahia”. 
Reprodução Fotográfica/Data: Carolina Machado/ 02-04-2017		Reprodução Fotográfica/Data: Carolina Machado/16-11-17

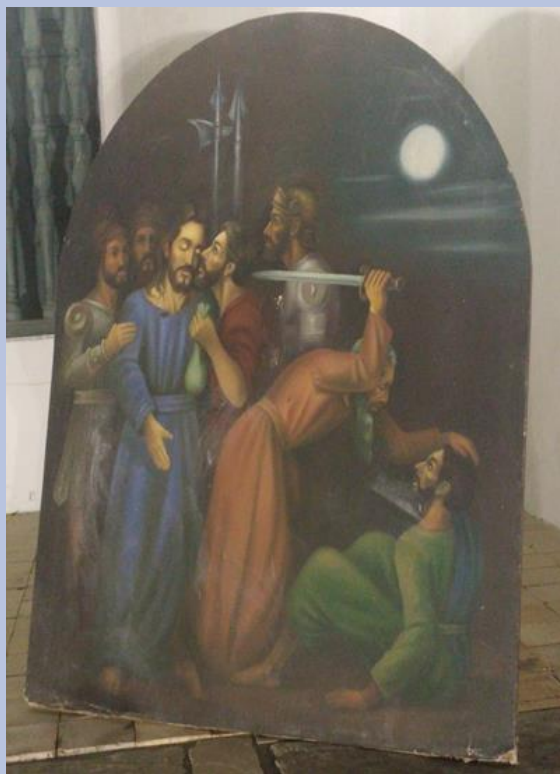
<p>18. Restaurações:</p>	<p>19. Estado de Conservação:</p> <p>() Bom () Excelente () Regular (x) Ruim</p> <p>() Péssimo</p>
<p>20. Características Técnicas: Painel em tecido esticado sobre suporte de madeira, fixada por grampos. Chassis de madeira composta por dois travessões e outro preso no centro para apoio, de cor clara. Formato arredondado na parte de cima e quadrado embaixo. Camada pictórica na técnica a óleo nas cores azul, vermelho, verde, branco e marrom.</p>	
<p>21. Iconografia: A tela exibe a agonia de Jesus Cristo no jardim do Getsêmani (ao sopé do Monte das Oliveiras). Cristo é representado com barba, bigode e cabelos longos. Ajoelhado e com mãos postas, vestindo túnica azul e manto vermelho, ele olha para o anjo que está à sua frente. O anjo está sobre uma nuvem carregando na mão esquerda uma cruz e na direita um cálice. De acordo com o evangelho de Lucas, Jesus chegou ao Monte acompanhado de alguns discípulos. Afastou-se deles e ajoelhou-se para orar. Sentiu-se solitário e angustiado diante da morte, dizendo: “Pai, se quiseres, afasta de mim este cálice, contudo, não seja feita a minha vontade, mas a tua!”. (Lucas 22: 42). O historiador de arte Louis Réau refere-se a esse momento, como um duelo entre a carne e o espírito, em que o Deus Homem, domina seu sofrimento e medo da morte.</p> <p>Sobre o episódio de Cristo confortado por um anjo, Réau relata que “somente o evangelista Lucas menciona a aparição de um anjo que geralmente carrega a cruz e o cálice, sem dúvida, porque era costume ver na cena da crucificação o sangue de Cristo crucificado coletado em um cálice”. (p.445). O historiador exemplifica que o cálice não é um atributo indispensável, pois “Mantegna e Dürer o substituem pelos Instrumentos da Paixão. Em uma pintura da Galeria Nacional de Londres, o pintor de Pádua, evoca o Cristo ajoelhado, cercado de anjos, que se antecipam mostrando-lhe a coluna da Flagelação, a cruz, a lança e a esponja”. (p.445). Réau ainda cita que no século XVII surge uma nova iconografia para as cenas da Paixão, representada por anjos: “em um baixo-relevo da capela de Versalhes, um anjo está ajoelhado diante de um cálice, atrás dele, três anjos adormecidos simbolizam os apóstolos sonolentos”. (p.447).</p> <p>A tela da Ordem Terceira do Carmo de Cachoeira não apresenta o episódio em que Jesus desperta seus discípulos. De acordo com Réau, “as únicas testemunhas da oração no Monte das Oliveiras são os três discípulos favoritos: Pedro, Tiago e João. Mas cansados por ter preparado o sacramento, ou impedidos pela comida e pelo vinho, dormiram quando o Redentor orou. Jesus foi forçado a acordá-los três vezes.” (p.446). O evangelho de Marcos descreve essa passagem bíblica: “Jesus disse aos discípulos: “Sentai-vos aqui, enquanto eu vou orar”. Levou consigo Pedro, Tiago e João, e começou a sentir pavor e angústia. Jesus, então, lhes disse: “Sinto uma tristeza mortal!</p>	

Ficai aqui e vigiai”! (...) Quando voltou, encontrou os discípulos dormindo. (...) Ao voltar pela terceira vez, ele lhes disse: “Ainda dormis e descansais? Basta! Chegou a hora! Vede, o Filho do Homem está sendo entregue às mãos dos pecadores. Levantai-vos! Vamos! Aquele que vai me entregar está chegando”. (Marcos 14: 32-42).

Sobre a cenografia, Louis Réau relata sobre a representação do Monte das Oliveiras: “Esse tema de origem oriental aparece a partir do século VI nos mosaicos de Ravena, mas só se torna realmente popular na arte patética no final da Idade Média”. (p.447) ⁴⁴.

⁴⁴ RÉAU, Louis. Iconografía de arte Cristiano: Iconografía de la Biblia – Nuevo Testamento. Ediciones del Serbal. Tomo 1. Vol.2, 1996. p.445-447.

Identificação do Acervo:		
1. UF/Cidade: BA/Cachoeira	2. Acervo: Igreja da Ordem Terceira do Carmo	3. Local no prédio: Claustro
4. Proprietário: Venerável Ordem Terceira do Carmo	5. Responsável Imediato: Antônio Melo Pereira	6. Designação: Tela dos sete passos da Paixão
7. Espécie: Painel	8. Natureza: Pintura	9. Ano/Época: 1998
10. Autoria: Josafá, Luiz Marcelo e Valdiney Suzart.	11. Técnica/Material: Óleo sobre tela	12. Origem: Muritiba/BA
13. Modo de Aquisição: Compra mediante encomenda	14. Número de Registro: BA/98 -0002	15. Dimensões: Altura: 1,90 cm Largura: 1,60 cm

16. Documentação Fotográfica:

Reprodução Fotográfica/Data:
Carolina Machado/ 02-04-2017

17. Inscrições/Legendas: OBRA: Josafá, Suzart, Luiz Marcelo. "2 – 'O beijo de Judas e Pedro cortando a orelha de Malchus'- Releitura dos quadros de José Rodrigues Nunes. Muritiba, outono de 1998. Bahia".





Reprodução Fotográfica/Data:
Carolina Machado/16-11-17



<p>18. Restaurações:</p>	<p>19. Estado de Conservação:</p> <p>() Bom () Excelente () Regular (x) Ruim</p> <p>() Péssimo</p>
<p>20. Características Técnicas: Painel em tecido esticado sobre suporte de madeira, fixada por grampos. Chassis de madeira composta por dois travessões e outro preso no centro para apoio, de cor escura. Formato arredondado na parte de cima e quadrado embaixo. Camada pictórica na técnica a óleo nas cores preto, azul, verde, vermelho e branco.</p>	
<p>21. Iconografia: A tela expressa três momentos: a traição de Judas, a prisão de Cristo e Pedro defendendo Jesus cortando a orelha de um homem. Jesus veste túnica azul, é traído por Judas, túnica vermelha (que o identifica dando-lhe um beijo), carrega em sua mão esquerda uma sacola verde. Cristo é preso pelos centuriões romanos e, nesse momento, Pedro, barba longa, túnica laranja, se lança a cortar a orelha de um dos soldados com uma espada em sua mão direita. De acordo com o evangelho de João, quando os soldados guiados por Judas chegaram ao Monte, ouviram Cristo perguntar: “A quem procurais?”– “A Jesus de Nazaré”, responderam. Ele disse: “Sou eu”. (João 18:4-6).</p> <p>Sobre a traição de Judas, o historiador Louis Réau cita a ilustração de um capitel da catedral de Autun (século XIII) onde, “Judas é visto de pé na cabeça de um demônio da ganância, que é identificado por meio de uma enorme bolsa que ele segura na mão. Judas tende um cálice que simboliza o sangue do justo para o personagem, também sustentado por um demônio que está diante dele”. (p. 450). Para o autor, o beijo de Judas “serve de indicação para o grupo armado encarregado de capturar Jesus, é a ação acordada para evitar qualquer erro. Se o traidor beija Cristo, não é por hipocrisia, mas para apontar para os soldados que temiam confundir-lo com o apóstolo Tiago, o menor, que era muito parecido com ele”. (p.451).</p> <p>Sobre a prisão de Jesus, o historiador Louis Réau revela que “nas ilustrações dos Saltérios, os ministros que prenderam Cristo tem cabeças de cachorro, aludindo ao Salmo 22:17: “Eles me cercam como cães, estou cercado por uma multidão de malfeitores”. (p.452). Réau relata que a prisão de Jesus é quase sempre acompanhada por três episódios acessórios: os soldados encarregados de capturar Cristo caindo no chão, Pedro cortando a orelha de Malco e os discípulos fugindo. Destes três episódios, somente a cena de Pedro cortando a orelha do servo do sumo sacerdote é apresentada na tela da Ordem Terceira do Carmo de Cachoeira. Segundo Réau, a defesa de Pedro “é um dos episódios mais populares da prisão, imaginado para destacar a divina</p>	

mansidão de Cristo através da sua oposição à reação instintiva de um dos seus discípulos”. (p.454).



O evangelho de João descreve esse episódio: “Simão Pedro, que tinha uma espada, puxou-a e feriu o servo do sumo sacerdote, cortando-lhe a ponta da orelha direita. O nome do servo era Malco. Jesus disse a Pedro: “Guarda a tua espada na bainha. Será que eu não vou beber o cálice que o Pai me deu?”. (João 18:10-11).

Identificação do Acervo:		
1.UF/Cidade: BA/Cachoeira	2. Acervo: Igreja da Ordem Terceira do Carmo	3. Local no prédio: Claustro
4.Proprietário: Venerável Ordem Terceira do Carmo	5. Responsável Imediato: Antônio Melo Pereira	6.Designação: Tela dos sete passos da Paixão
7.Espécie: Painel	8.Natureza: Pintura	9.Ano/Época: 1998
10. Autoria: Josafá, Luiz Marcelo e Valdiney Suzart.	11. Técnica/Material: Óleo sobre tela	12.Origem: Muritiba/BA
13.Modo de Aquisição: Compra mediante encomenda	14. Número de Registro: BA/98 – 0003	15. Dimensões: Altura: 1,90 cm Largura: 1,60 cm
16. Documentação Fotográfica: 		17. Inscrições/Legendas: OBRA: Josafá, Suzart, Luiz Marcelo. “3 – ‘Ecce Homo’ – Cristo amarrado, coroado e ludibriado – Releitura dos quadros de José Rodrigues Nunes. Curitiba, outono de 1998. Bahia”. 
Reprodução Fotográfica/Data: Carolina Machado/ 02-04-2017		Reprodução Fotográfica/Data: Carolina Machado/16-11-17


<p>18. Restaurações:</p>	<p>19. Estado de Conservação:</p> <p>() Bom () Excelente () Regular (x) Ruim</p> <p>() Péssimo</p>
<p>20. Características Técnicas: Painel em tecido esticado sobre suporte de madeira, fixada por grampos. Chassis de madeira composta por dois travessões e outro preso no centro para apoio, de cor clara. Formato arredondado na parte de cima e quadrado embaixo. Camada pictórica na técnica a óleo nas cores preto, vermelho, verde e amarelo.</p>	
<p>21. Iconografia: A tela trata do momento em que Cristo é apresentado ao povo. Cristo flagelado, coroado com espinhos, mãos amarradas apoiadas na sacada e entre elas está um bastão de madeira. No canto direito da tela, um homem vestindo túnica verde, olha fixamente para figura de Cristo, elevando um tecido vermelho na sua mão direita. No canto esquerdo da tela, outro homem, vestido túnica amarela, olha para Cristo e aponta para ele. A imagem é inspirada nos evangelhos canônicos: “Os soldados trançaram uma coroa de espinhos, a puseram na cabeça de Jesus e o vestiram com um manto de púrpura. (...) Pilatos saiu outra vez e disse aos judeus: “Olhai! Eu o trago aqui fora, diante de vós, para que saibais que eu não encontro nele nenhum motivo de condenação”. Então, Jesus veio para fora, trazendo a coroa de espinhos e o manto de púrpura. Ele disse-lhes: “Eis o homem!” (João 19:1-5).</p> <p>De acordo com o historiador de arte Louis Réau, esse tema “se espalhou no século XV, no final da Idade Média. Normalmente Jesus é exibido em um estrado ou no topo de uma escada externa, com a coroa de espinhos, o manto roxo (ou clâmide) e o cetro de cana nas mãos amarradas; seu peito nu tem marcas de Flagelação. Uma corda passa em torno do seu pescoço. As lágrimas que caem em suas bochechas fluem de suas pálpebras avermelhadas. Este motivo engendrou o Cristo da Piedade e o Homem das dores”. (p.479).</p> <p>Réau menciona sobre o episódio que ocorre logo após a sentença, a lavagem das mãos. Esse episódio não está representado na tela da Ordem Terceira do Carmo: “Depois de ter tentado salvar Jesus, Pilatos, ao ver que o tumulto aumentou, lavou as mãos na presença da multidão agitada, dizendo: “Eu sou inocente desse sangue, você vê”. E todas as pessoas responderam dizendo: “Deixe seu sangue cair sobre nós e sobre nossos filhos”. O autor ainda cita que “a lavagem das mãos não era um gesto romano, mas um rito hebraico. Após um assassinato, os judeus incriminados tinham o hábito de lavar as mãos para afirmar sua inocência”. (p. 469). Esse rito é retratado em Deuteronômio: “Todos os anciãos da cidade mais próxima do cadáver lavarão as mãos sobre a novilha cuja nuca quebraram no vale, recitando as palavras: ‘Nossas mãos não derramaram este sangue nem o viram nossos olhos. Sê propício com teu povo Israel que resgataste, ó Senhor, e não o culpes pelo sangue derramado’”. (Deuteronômio 21:6-8).</p>	

Identificação do Acervo:		
1. UF/Cidade: BA/Cachoeira	2. Acervo: Igreja da Ordem Terceira do Carmo	3. Local no prédio: Claustro
4. Proprietário: Venerável Ordem Terceira do Carmo	5. Responsável Imediato: Antônio Melo Pereira	6. Designação: Tela dos sete passos da Paixão
7. Espécie: Painel	8. Natureza: Pintura	9. Ano/Época: 1998
10. Autoria: Josafá, Luiz Marcelo e Valdiney Suzart.	11. Técnica/Material: Óleo sobre tela	12. Origem: Muritiba/BA
13. Modo de Aquisição: Compra mediante encomenda	14. Número de Registro: BA/98 – 0004	15. Dimensões: Altura: 1,90 cm Largura: 1,60 cm
16. Documentação Fotográfica:		17. Inscrições/Legendas: OBRA: Josafá, Suzart, Luiz Marcelo. "4 – 'A Flagelação'– Releitura dos quadros de José Rodrigues Nunes. Curitiba, outono de 1998. Bahia".
		
Reprodução Fotográfica/Data: Carolina Machado/ 02-04-2017		Reprodução Fotográfica/Data: Carolina Machado/16-11-17

<p>18. Restaurações:</p>	<p>19. Estado de Conservação:</p> <p>() Bom () Excelente () Regular (x) Ruim</p> <p>() Péssimo</p>
<p>20. Características Técnicas: Painel em tecido esticado sobre suporte de madeira, fixada por grampos. Chassis de madeira composta por dois travessões e outro preso no centro para apoio, de cor clara. Formato arredondado na parte de cima e quadrado embaixo. Camada pictórica na técnica a óleo nas cores azul, vermelho, amarelo e branco.</p>	
<p>21. Iconografia: A pintura narra o momento da Flagelação. Cristo atado à coluna, ereto, coroado com espinhos e flagelado, veste perizônio branco com algumas manchas de sangue, caindo em ponta à direita, cabeça inclinada levemente para o lado direito, olhos cerrados. No canto direito da tela, um homem vestindo túnica vermelha, cabelos brancos e barba curta, carrega em sua mão direita um açoite. No canto esquerdo da tela, outro homem vestindo túnica azul, de costas, eleva com seu braço direito um açoite. Esse episódio é relatado nos evangelhos canônicos: “Então Pilatos soltou Barrabás, mandou açoitar Jesus e entregou-o para ser crucificado”. (Mateus 27:26). Na tela da Ordem Terceira do Carmo de Cachoeira, dois homens utilizam açoites para aplicar os golpes em Cristo. De acordo com o historiador de arte Louis Réau, “os quatro evangelistas mencionam a flagelação, mas eles apenas dizem em poucas palavras que Jesus foi chicoteado ou mesmo, simplesmente, castigado sem adicionar que foi atado a uma coluna”. (p.470).</p> <p>Segundo Louis Réau, o tema da flagelação “da mesma maneira que após a crucificação ocorre a descida da cruz, às vezes, após a flagelação Cristo é representado ofegante ao pé da coluna. O tema apareceu na arte italiana no século XVI, com Luini, que o representou em um afresco do mosteiro de Maggiore, em Milão. Mas acima de tudo, foram os pintores espanhóis do século XVII, Zurbarán, Murillo e Velázquez, que gostavam de evocar o Cristo depois da flagelação”. (p.475).</p>	

Identificação do Acervo:		
1. UF/Cidade: BA/Cachoeira	2. Acervo: Igreja da Ordem Terceira do Carmo	3. Local no prédio: Claustro
4. Proprietário: Venerável Ordem Terceira do Carmo	5. Responsável Imediato: Antônio Melo Pereira	6. Designação: Tela dos sete passos da Paixão
7. Espécie: Painel	8. Natureza: Pintura	9. Ano/Época: 1998
10. Autoria: Josafá, Luiz Marcelo e Valdiney Suzart.	11. Técnica/Material: Óleo sobre tela	12. Origem: Muritiba/BA
13. Modo de Aquisição: Compra mediante encomenda	14. Número de Registro: BA/98 – 0005	15. Dimensões: Altura: 1,90 cm Largura: 1,60 cm
16. Documentação Fotográfica:		17. Inscrições/Legendas: OBRA: Josafá, Suzart, Luiz Marcelo. "5 – 'A caminho do Calvário' - Releitura dos quadros de José Rodrigues Nunes. Muritiba, outono de 1998. Bahia".
 <p>Reprodução Fotográfica/Data: Carolina Machado/02.04.2017</p>		 <p>.Reprodução Fotográfica/Data: Carolina Machado/15-02-18</p>

<p>18. Restaurações:</p>	<p>19. Estado de Conservação:</p> <p>() Bom () Excelente () Regular (x) Ruim</p> <p>() Péssimo</p>
<p>20. Características Técnicas: Painel em tecido esticado sobre suporte de madeira, fixada por grampos. Chassis de madeira composta por dois travessões e outro preso no centro para apoio, de cor escura. Formato arredondado na parte de cima e quadrado embaixo. Camada pictórica na técnica a óleo nas cores azul, verde, vermelho, marrom e amarelo.</p>	
<p>21. Iconografia: A tela da Ordem Terceira do Carmo de Cachoeira representa o momento em que Cristo carrega sua cruz rumo ao Calvário. Cristo, de joelhos, carrega sua cruz, veste túnica azul, olhos cerrados. Dois homens ajudam a carregar a cruz. O homem no canto direito da tela, vestindo túnica roxa, segura a haste horizontal, enquanto o outro no canto esquerdo da tela, vestido túnica verde, segura a haste vertical. Diante de Cristo, uma mulher em genuflexão, túnica marrom, segura em suas mãos um tecido branco. De acordo com o evangelho de Lucas: “Enquanto levavam Jesus, pegaram um certo Simão, de Cirene, que voltava do campo, e mandaram-no carregar a cruz atrás de Jesus”. (Lucas 23:26). O historiador Louis Réau diz que, “o momento em que Cristo carrega a cruz nas costas pode ser distinguido em três episódios: Simão de Cirene ajudando Jesus a carregar a cruz, o desmaio da Virgem e Verônica secando o suor do rosto de Jesus”.</p> <p>Réau diz que “os evangelhos oferecem duas versões diferentes sobre o Caminho do Calvário. Segundo os sinóticos, um tal Simão de Cirene, foi obrigado pelos soldados romanos para ajudar Jesus, esgotado pela flagelação, a levar a cruz até o topo do Gólgota. De acordo com João, foi Cristo que levou sozinho a cruz até o fim: “Carregando a sua cruz, ele saiu para o lugar chamado Calvário (em hebraico: Gólgota)”. (João 19:16). (p.481).</p> <p>Segundo Réau, “os evangelhos apócrifos e a encenação do teatro dos Mistérios sugeriram numerosas adições ao tema inicial. Os mais populares são o desmaio da Virgem e o encontro de Santa Verônica. (...) O evangelho de Lucas indica que “uma grande multidão de pessoas e mulheres o seguiu e lamentou por ele”. Mas os evangelhos apócrifos estão melhor informados: eles sabem que a Virgem, liderada e sustentada pelo apóstolo João, parou antes da procissão, e quando viu seu filho curvado sob a carga da cruz, ela desmaiou”. (p.483). Na pintura da Ordem Terceira do Carmo de Cachoeira, o episódio do desmaio da Virgem não é representado.</p> <p>Outro episódio sobre o caminho do Calvário é representado na tela da Ordem Terceira do Carmo de Cachoeira: a imagem de uma mulher segurando um tecido. Essa mulher é Verônica. De acordo com Réau, “no final do século XV apareceu uma santa imaginária, Verônica, que comovida de piedade, secou com um véu o suor que corria do rosto de Cristo: em recompensa por este gesto piedoso, ela pegou no sudário a impressão da Santa Face. A partir desta imagem verdadeira (vero ícone), vem o nome da Verônica”. (p.483).</p>	



Identificação do Acervo:		
1. UF/Cidade: BA/Cachoeira	2. Acervo: Igreja da Ordem Terceira do Carmo	3. Local no prédio: Claustro
4. Proprietário: Venerável Ordem Terceira do Carmo	5. Responsável Imediato: Antônio Melo Pereira	6. Designação: Tela dos sete passos da Paixão
7. Espécie: Painel	8. Natureza: Pintura	9. Ano/Época: 1998
10. Autoria: Josafá, Luiz Marcelo e Valdiney Suzart.	11. Técnica/Material: Óleo sobre tela	12. Origem: Muritiba/BA
13. Modo de Aquisição: Compra mediante encomenda	14. Número de Registro: BA/98 – 0006	15. Dimensões: Altura: 1,90 cm Largura: 1,60 cm
16. Documentação Fotográfica: 		17. Inscrições/Legendas: Essa tela não tem inscrições.
Reprodução Fotográfica/Data: Carolina Machado/02.04.2017		Reprodução Fotográfica/Data: Carolina Machado/15-02-18

<p>18. Restaurações:</p>	<p>19. Estado de Conservação:</p> <p>() Bom () Excelente () Regular (x) Ruim</p> <p>() Péssimo</p>
<p>20. Características Técnicas: Painel em tecido esticado sobre suporte de madeira, fixada por grampos. Chassis de madeira composta por dois travessões e outro preso no centro para apoio, de cor clara. Formato arredondado na parte de cima e quadrado embaixo. Camada pictórica na técnica a óleo nas cores azul, vermelho, verde, preto, amarelo e marrom.</p>	
<p>21. Iconografia: A pintura retrata a crucificação e morte de Jesus. Sobre esse episódio, o evangelho de João diz: “Sabendo Jesus que tudo estava consumado, e para que se cumprisse a Escritura até o fim, disse: “Tenho sede”! Havia ali uma jarra cheia de vinagre. Amarraram num ramo de hissopo uma esponja embebida de vinagre e a levaram à sua boca. Ele tomou o vinagre e disse: “Está consumado”. E, inclinando a cabeça, entregou o espírito. Era o dia de preparação do sábado, e que seria solene. Para que os corpos não ficassem na cruz no sábado, os judeus pediram a Pilatos que mandasse quebrar as pernas dos crucificados e os tirasse da cruz. Os soldados foram e quebraram as pernas, primeiro a um dos crucificados com ele e depois o outro. Chegando a Jesus, viram que estava morto. Por isso, não lhe quebraram as pernas, mas um soldado golpeou-lhe o lado com uma lança, e imediatamente saiu sangue e água”. (João 19:28-36).</p> <p>Na tela da Ordem Terceira do Carmo de Cachoeira vemos o Cristo pregado à cruz em posição frontal, coroadado com espinhos, braços elevados, presos à cruz por dois cravos. Cabeça inclinada para a direita, barba curta, olhos cerrados, perizônio branco com ponta caída para a direita. Pernas levemente flexionadas, pé esquerdo sobre o direito preso por cravo. Sangramentos nos pés, joelhos e costela. Tórax contraído. Na cruz uma sigla: INRI ⁴⁵, no fundo da imagem uma luz destaca a figura de Jesus na cruz. Abaixo dele, duas mulheres e um homem. Aos pés de Cristo, uma mulher vestido túnica vermelha, cabelos longos, de joelhos, abraça a cruz. Olhar direcionado a figura de Cristo, sua boca parece próxima aos pés do crucificado. No canto direito da tela, outra mulher veste túnica azul e manto da mesma cor com friso branco. Olhar triste e mãos sobrepostas. No canto esquerdo da tela, um homem, cabelos longos, vestindo túnica verde, olha fixamente para a imagem de Cristo. Sua mão direita está sobre o peito, enquanto na mão esquerda carrega um livro. Nos evangelhos canônicos o episódio é representado com distinções: Mateus e Marcos citam a presença de três mulheres no momento da crucificação, Lucas cita a presença de muitas mulheres enquanto João cita quatro pessoas, entre elas um homem.</p> <p>Segundo o historiador de arte Louis Réau, “Cristo na cruz aparece cercado por personagens que desempenharam um papel ativo ou passivo no evento. Seu número cresceu de forma constante entre o século XII e o final da Idade Média. De acordo com o número de personagens, numerosos tipos de crucificações podem ser distinguidos: a crucificação com um personagem: apenas Cristo na cruz, a crucificação com três personagens: a cada lado da cruz, está a Virgem e João, a crucificação com quatro personagens: Maria Madalena ajoelhada ao pé da cruz, juntando-se a Virgem e João e a crucificação como grande espetáculo: a multidão invadindo o Calvário”. (p.512-513).</p> <p>Louis Réau divide o episódio da crucificação em duas fases: Jesus preso à cruz e Jesus morto na cruz. Na primeira fase, Réau explica que “a arte cristã hesitou entre duas versões: a cruz espalhada no chão ou plantada. Sobre a primeira versão, Réau diz que o tema aparece “muito antes do século XIV, de lá passou para a arte francesa, italiana e flamenca. (...) Depois de ter pregado Jesus a cruz</p>	


⁴⁵ Sigla de *Jesus Nazareus Rex Iudeorum* (em latim: Jesus Nazareno, Rei dos Judeus), palavras que Pôncio Pilatos mandou escrever em grego, latim e hebraico para indicar o motivo da condenação de Jesus. DOTRO, Ricardo Pascual; HELDER, Geraldo García. Dicionário de Liturgia. Edições Loyola. São Paulo, 2006. p.86.

espalhada no chão, os carrascos levantam o instrumento da tortura ajudando com cordas, depois de ter afundado o pé da cruz no poço previamente cavado. Sobre a segunda versão, a cruz foi plantada de antemão. Cristo subiu com a ajuda de uma escada baixa ou um banco. Os carrascos, montados nas escadas mais altas e encostados nos braços da cruz, pregam as mãos”. (p.492-493).

Sobre a segunda fase, Jesus morto na cruz, Réau diz que “a imagem de Cristo na cruz se impõe ao pensamento de todos os cristãos, não apenas como a figura do Deus sacrificial, mas como o emblema e a garantia de sua própria salvação. É o tema central da iconografia cristã. (...) Se queremos resumir em poucas palavras a evolução deste tema essencial do cristianismo, pode-se dizer que, durante os primeiros séculos cristãos, a crucificação foi evocada indiretamente por meio de símbolos. Cristo aparece na cruz em forma humana, apenas no século VI. Até meados do século XI, Cristo na cruz é representado vivo, com os olhos abertos. A partir desse momento, foi usado para representá-lo morto, com os olhos fechados”. (p. 494).


Identificação do Acervo:		
1. UF/Cidade: BA/Cachoeira	2. Acervo: Igreja da Ordem Terceira do Carmo	3. Local no prédio: Claustro
4. Proprietário: Venerável Ordem Terceira do Carmo	5. Responsável Imediato: Antônio Melo Pereira	6. Designação: Tela dos sete passos da Paixão
7. Espécie: Painel	8. Natureza: Pintura	9. Ano/Época: 1998
10. Autoria: Josafá, Luiz Marcelo e Valdiney Suzart.	11. Técnica/Material: Óleo sobre tela	12. Origem: Muritiba/BA
13. Modo de Aquisição: Compra mediante encomenda	14. Número de Registro: BA/98 – 0007	15. Dimensões: Altura: 1,90 cm Largura: 1,60 cm
16. Documentação Fotográfica: 		17. Inscrições/Legendas: OBRA: Josafá, Suzart, Luiz Marcelo. "7- 'O Sepultamento'- Releitura dos quadros de José Rodrigues Nunes. Curitiba, outono de 1998. Bahia". 
Reprodução Fotográfica/Data: Carolina Machado/ 02.04.2017		Reprodução Fotográfica/Data: Carolina Machado/16-11-17

<p>18. Restaurações:</p>	<p>19. Estado de Conservação:</p> <p>() Bom () Excelente () Regular (x) Ruim</p> <p>() Péssimo</p>
<p>20. Características Técnicas: Painel em tecido esticado sobre suporte de madeira, fixada por grampos. Chassis de madeira composta por dois travessões e outro preso no centro para apoio, de cor escura. Formato arredondado na parte de cima e quadrado embaixo. Camada pictórica na técnica a óleo nas cores preto, vermelho, amarelo, marrom, azul, verde e branco.</p>	
<p>21. Iconografia: A tela da Ordem Terceira do Carmo de Cachoeira apresenta o sepultamento de Jesus. Cristo em decúbito dorsal, envolvido por um tecido branco, cabeça inclinada, olhos cerrados, sangramentos na testa, pescoço e costela, carregado por três homens, sendo retirado da cruz. O primeiro homem está no canto direito da tela, vestindo túnica amarela, calvo, ruivo, barba longa, segura as pernas de Cristo. O segundo homem está no centro da tela, vestindo túnica verde, olhos cerrados, segura o braço direito de Jesus, o terceiro homem está no canto esquerdo da tela, vestindo túnica branca, barba curta, segura no tecido que envolve Cristo. Ao lado da cruz, está um vaso de cerâmica e um tecido vermelho. No centro da tela também estão duas mulheres, uma delas usando túnica azul clara e a outra véu azul escuro, tendo ao seu lado um homem que veste túnica marrom. Sobre esse episódio, o evangelho de João diz: “José de Arimatéia pediu a Pilatos para retirar o corpo de Jesus, ele era discípulo de Jesus às escondidas, por medo dos judeus. Pilatos o permitiu. José veio e retirou o corpo. Veio também Nicodemos, ele trouxe uns trinta quilos de perfume feito de mirra e de aloés. Eles pegaram o corpo de Jesus e o envolveram, com os perfumes, em faixas de linho, do modo como os judeus costumam sepultar.” (João 19:37-40).</p> <p>De acordo com o historiador Louis Réau, “nas realizações mais antigas, o número de personagens é reduzido a três: Cristo morto, José de Arimatéia e Nicodemos. José leva o torso inerte através do centro, Nicodemos arranca o cravo dos pés com uma pinça. José está sempre à direita de Cristo, e Nicodemos à esquerda. Então os personagens se multiplicaram. Foi introduzido na composição a Virgem - que se levanta para receber o corpo de Cristo em seus braços -, João e Madalena”. (p.535).</p> <p>Réau explica o episódio do sepultamento como “o desenlace fúnebre da tragédia com a descida da cruz, a lamentação e o enterro. (...) O tema do sepultamento sagrado tornou-se popular no final da Idade Média, devido à dupla influência das confrarias e do teatro dos mistérios. Como o relato dos evangelhos é extremamente resumido, a imaginação dos artistas teve o campo livre para evocar a cena do funeral. É por isso que foi representado de maneiras tão diferentes. Na evolução iconográfica do tema, podem distinguir-se quatro fases principais: a unção do cadáver, o enterro dos discípulos, o Cristo morto levado ao túmulo e o enterro angélico”. (p.541).</p>	

Identificação do Acervo:		
1. UF/Cidade: BA/Cachoeira	2. Acervo: Igreja da Ordem Terceira do Carmo	3. Local no prédio: Sacristia
4. Proprietário: Venerável Ordem Terceira do Carmo	5. Responsável Imediato: Antônio Melo Pereira	6. Designação: Nossa Senhora das Dores
7. Espécie: Imaginária	8. Natureza: Escultura	9. Ano/Época: Século XVIII (2ª metade)
10. Autoria: Não identificada	11. Técnica/Material: Madeira/Entalhe/Encarnação/Policromia	12. Origem: Não identificada
13. Modo de Aquisição: Não identificada	14. Número de Registro: BA/94-0003.0117	15. Dimensões: Altura – 162 cm Largura – 37 cm
16. Documentação Fotográfica:		17. Inscrições/Lendas:
		Essa escultura não tem inscrições.
Reprodução Fotográfica/Data: Carolina Machado/07.12.2017		

<p>18. Restaurações:</p>	<p>19. Estado de Conservação:</p> <p>() Bom () Excelente (x) Regular () Ruim</p> <p>() Péssimo</p>
<p>20. Características Técnicas: Imagem de madeira, com cabeça, mãos esculpidas e encarnadas, tronco e braços em escultura simplificada, articulação em bolacha nos ombros e cotovelos. Base recortada, olhos de vidro, cores predominantes: creme, cinza, preto e verde.</p>	
<p>21. Iconografia: A imagem de Nossa Senhora das Dores. Figura de roca, de pé, posição frontal, cabeça levemente direcionada para o lado esquerdo, carnação creme, olhos marrons lacrimejantes, direcionados para baixo. Rosto arredondado, boca pequena e nariz afilado. Sobre o crânio pintura marrom imitando cabelo, braços articulados, com mãos esculpidas, espalmadas, corpo entalhado simplificado em forma túnica talar na cor cinza. Apoiar-se em base recortada de cor verde. Segundo a professora Selma de Oliveira, “iconograficamente, a imagem de Nossa Senhora das Dores evoca o sofrimento da Virgem Maria, durante a caminhada de Jesus para o Calvário. Ela aparece sempre com as mãos postas e com lágrimas no rosto. A iconografia de Nossa Senhora das Dores acompanhou as tendências de cada período artístico. (...) Na igreja da Ordem Terceira do Carmo, ela participa da Procissão do Encontro, juntamente com a imagem do Senhor dos Passos”. (p.204).</p> <p>Selma ainda cita um trecho de Orlando Ramos e Silvana Trindade, sobre a iconografia da Virgem Maria: “Para melhor exprimir a dor, a Virgem passou a ser representada com um punhal ou espada trespassando seu peito. Esta representação tem origem na profecia do velho Simeão (Lucas 2:35) de que uma ‘espada de dor trespassaria a alma da Virgem”⁴⁶.</p>	


⁴⁶ RAMOS, Orlando; TRINDADE, Silvana Caçado. Iconografia da Virgem Maria. Belo Horizonte: IEPHA, 1983, p.25.

Identificação do Acervo:		
1. UF/Cidade: BA/Cachoeira	2. Acervo: Igreja da Ordem Terceira do Carmo	3. Local no prédio: Sacristia
4. Proprietário: Venerável Ordem Terceira do Carmo	5. Responsável Imediato: Antônio Melo Pereira	6. Designação: Senhor dos Passos
7. Espécie: Imaginária	8. Natureza: Escultura	9. Ano/Época: Século XVIII
10. Autoria: Não identificada	11. Técnica/Material: Madeira/esculpida/encarnada	12. Origem: Não identificada
13. Modo de Aquisição: Não identificada	14. Número de Registro: BA/94-0003.0146	15. Dimensões: Altura – 155 cm/ Largura – 63 cm/ Comprimento – 170 cm
16. Documentação Fotográfica: 		17. Inscrições/Legendas: Essa escultura não tem inscrições.
Reprodução Fotográfica/Data: Carolina Machado/07.04.2017		

<p>18. Restaurações: “Substituição de cravos de ferro por tarugos de madeira”.</p> <p>(Fonte: Inventário de Bens Móveis e Integrados da Ordem Terceira do Carmo de Cachoeira, realizado pelo IPHAN, 1994).</p>	<p>19. Estado de Conservação:</p> <p>() Bom () Excelente (x) Regular</p> <p>() Ruim () Péssimo</p>
<p>20. Características Técnicas: Imagem de vestir em madeira esculpida e entalhada, composta de várias partes encaixadas, fixadas com cola e cravos de metal: articulação em bolacha nos cotovelos, pintura à têmpera nas cores rosa, marrom, vermelho e creme. Olhos de vidro, haste de sustentação em ferro cilíndrico, fixo por sete parafusos. Cruz oca em madeira com pintura preta. Cruz latina com as seguintes proporções: 367 cm de altura, 187 cm de largura e 15 cm de espessura.</p>	
<p>21. Iconografia: Representado como Senhor dos Passos, figura de roca, Cristo encontra-se em genuflexão, cabeça inclinada para frente e levemente para a direita, olhos castanhos na mesma direção, sobre o crânio pintura marrom em forma de barrete; carnação creme, boca entreaberta, bigode, barba bipartida em rolos. Braços articulados, mãos semiabertas, corpo entalhado. Perizônio branco com friso em grega caindo em pontas sobre a perna esquerda. Marcas de sangramento nos joelhos, pés, mão e testa. Apoiando sobre o ombro esquerdo, cruz latina de madeira sustentada por forquilha de prata.</p> <p>“Nesta invocação está sintetizado todos os demais Passos da Paixão, não só as três quedas no caminho do Gólgota”⁴⁷. A escultura expressa o trajeto percorrido por Cristo carregando a cruz, para o local da sua morte. Segundo a professora Selma de Oliveira, a imagem do Senhor dos Passos é, também, uma das mais veneradas pela Ordem Terceira do Carmo de Cachoeira: “A população devota-lhe respeito e carinho especiais. No período que antecede à Procissão do Encontro, ela é cuidadosamente vestida. A comunidade não participa desse ritual, que é um privilégio apenas de três membros (todos homens) da Ordem”. (p.186)⁴⁸.</p>	

⁴⁷ INSTITUTO DO PATRIMÔNIO HISTÓRICO E ARTÍSTICO NACIONAL, IPHAN-BA. Inventário Nacional de Bens Móveis e Integrados: Igreja e Casa de Oração da Ordem Terceira do Carmo. Módulo 1 – Recôncavo, Cachoeira-Bahia. Salvador, vol. 3, 1994.


⁴⁸ OLIVEIRA, Selma Soares de. Imagens de roca: uma coleção singular da Ordem Terceira do Carmo de Cachoeira. Feira de Santana: UEFS Editoria, 2014. p.186.

Identificação do Acervo:		
1. UF/Cidade: BA/Cachoeira	2. Acervo: Igreja da Ordem Terceira do Carmo	3. Local no prédio: Nicho esquiife (altar-mor)
4. Proprietário: Venerável Ordem Terceira do Carmo	5. Responsável Imediato: Antônio Melo Pereira	6. Designação: Cristo Morto
7. Espécie: Imaginária	8. Natureza: Escultura	9. Ano/Época: Século XVIII – XIX
10. Autoria: Não identificada	11. Técnica/Material: Madeira/Entalhe/Policromia	12. Origem: Bahia
13. Modo de Aquisição: Não identificada	14. Número de Registro: BA/94.0003.0116	15. Dimensões: Comprimento-182 cm/ Largura-70 cm
16. Documentação Fotográfica: 		17. Inscrições/Legendas: Essa escultura não tem inscrições.
Reprodução Fotográfica/Data: Carolina Machado/28.11.2017		

<p>18. Restaurações:</p>	<p>19. Estado de Conservação:</p> <p>() Bom () Excelente (x) Regular</p> <p>() Ruim() Péssimo</p>
<p>20. Características Técnicas: Imagem em madeira esculpida e entalhada, confeccionado em bloco resultante de ligação em várias partes fixadas por cola e cravos de metal, braços articulados em bolacha, sob suporte de couro. Pintura à têmpera nas cores marrom, rosa, vermelho e branco.</p>	
<p>21. Iconografia: A escultura do Senhor Morto representa o momento do sepultamento de Cristo. Imagem de roca. Cristo morto em decúbito dorsal, cabeça inclinada para a direita, carnação creme, cabelos em sulcos ondulados, caindo em mechas nas costas e ombro direito. Olhos cerrados, boca entreaberta, bigode e barba bipartida em rolos. Braços articulados nos ombros, mãos semifechadas com orifícios de cravos. Perizônio branco, contornado por friso dourado, atado por dupla corda dourada, com nó lateral caindo em ponta à direita com dobra à frente. Abdômen contraído, marcas arroxeadas, esfolamentos, cortes e sangramentos pelo corpo e sobre o perizônio. Pernas flexionadas, pé direito sobre o esquerdo com orifício de cravo.</p> <p>Segundo a professora Selma de Oliveira, “Os sangramentos, que se espalham por toda a peça, dão a essa imagem um aspecto dramático. Por outro lado, ela difere das outras imagens, pois, no passado, possibilitava mais de uma iconografia. (...) Atualmente a imagem é na Igreja da Ordem Terceira do Carmo apenas como Senhor Morto. Ela está localizada em um nicho esquite, que é uma alusão ao sepulcro de Jesus”. (p.192).</p> <p>Sobre a informação de a imagem possuir mais de uma iconografia, o Inventário da Ordem Terceira do Carmo de Cachoeira, realizado pelo IPHAN, explica que: “Este Cristo tinha dupla função poderia ser colocado na cruz e depois usado como Senhor Morto. Esta ambiguidade era comum nas dramatizações que ocorriam às vezes em praça pública por ocasião da Semana Santa”.</p>	

Identificação do Acervo:		
1. UF/Cidade: BA/Cachoeira	2. Acervo: Igreja da Ordem Terceira do Carmo	3. Local no prédio: Escritório
4. Proprietário: Venerável Ordem Terceira do Carmo	5. Responsável Imediato: Antônio Melo Pereira	6. Designação: Cristo Crucificado
7. Espécie: Imaginária	8. Natureza: Escultura	9. Ano/Época: Século XVIII
10. Autoria: Não identificada	11. Técnica/Material: Madeira/Entalhe/Encarnação/ Policromia	12. Origem: Não identificada
13. Modo de Aquisição: Não identificada	14. Número de Registro: BA/94-0003.0127	15. Dimensões: Altura-27,8 cm/ Largura-17,6 cm
16. Documentação Fotográfica:		17. Inscrições/Legendas:
		Essa escultura não tem inscrições.
Reprodução Fotográfica/Data: Carolina Machado/16.11.2017		

<p>18. Restaurações:</p>	<p>19. Estado de Conservação:</p> <p>() Bom () Excelente (x) Regular () Ruim</p> <p>() Péssimo</p>
<p>20. Características Técnicas: Imagem em madeira esculpida e entalhada, confeccionado em várias partes fixadas com cola. Cravos das mãos e pés em metal, braços em forma de “y”. Cruz encaixada sobre a base de madeira.</p> <p>Obs.: Cruz: Altura – 85,4 cm/ Largura – 29,1 cm. Repintura à têmpera nas cores preto, rosa, vermelho, perizônio com tinta acrílica dourada.</p>	
<p>21. Iconografia: A imagem do Cristo morto na cruz representa o momento da crucificação. Crucifixo de pousar apresentando Cristo em posição frontal, cabeça inclinada para a direita, cabelos em mechas caídas para as costas e para os ombros, olhos fechados, barba em ponta, carnação rosa, braços elevados, presos à cruz por dois cravos, perizônio dourado fixo por cordão. Pernas levemente flexionadas, pé direito sobre o esquerdo preso por cravo, cruz latina de quinas côncavas, base convexa e em escócia. De acordo com o evangelho de Marcos: “Eram nove horas da manhã quando o crucificaram. O letreiro com o motivo da condenação dizia: “O Rei dos Judeus”! (...) Quando chegou o meio dia, uma escuridão cobriu toda a terra até às três horas da tarde. Às três da tarde, Jesus gritou com voz forte: “Meu Deus, meu Deus, por que me abandonaste”? (...) Então Jesus, deu um forte grito e expirou!”. (Marcos 15:24-37).</p> <p>Segundo o historiador da arte Louis Réau, “todas estas representações de Cristo na cruz, quaisquer que sejam as diferenças em detalhes entre os tipos gregos e orientais, tiveram por muito tempo uma característica comum de fundamental importância. Seja jovem ou com barba, nu ou vestido, Cristo está sempre representado vivo na cruz, com os olhos bem abertos. (...) A partir do século XI começou-se a representar Cristo Morto. Seus olhos se fecham, sua cabeça cai sobre o ombro direito, seu corpo colapsa e flexiona: já não é o cadáver de um homem morto que perdeu toda a majestade real e que apenas inspira compaixão”. (p. 496-497).</p>	

Identificação do Acervo:		
1. UF/Cidade: BA/Cachoeira	2. Acervo: Igreja da Ordem Terceira do Carmo	3. Local no prédio: Sacristia
4. Proprietário: Venerável Ordem Terceira do Carmo	5. Responsável Imediato: Antônio Melo Pereira	6. Designação: Cristo da Ressurreição
7. Espécie: Imaginária	8. Natureza: Escultura	9. Ano/Época: Século XVIII
10. Autoria: Não identificada	11. Técnica/Material: Madeira/Entalhe/Policromia	12. Origem: Não identificada
13. Modo de Aquisição: Não identificada	14. Número de Registro: BA/94-0003.0141	15. Dimensões: Altura-147 cm/ Largura-82 cm
16. Documentação Fotográfica:		17. Inscrições/Legendas: Ressuscitado
		
Reprodução Fotográfica/Data: Carolina Machado/16.11.2017		Reprodução Fotográfica/Data: Carolina Machado/16-11-17

<p>18. Restaurações:</p>	<p>19. Estado de Conservação:</p> <p>() Bom () Excelente (x) Regular () Ruim</p> <p>() Péssimo</p>
<p>20. Características Técnicas: Entalhe desproporcional, simplicidade no entalhe. Nas mãos e pés não se observa a circulação de musculação em ressaltado no corpo, apenas ressaindo no tórax. Base de preparação grossa. Madeira possivelmente cedro. Elementos de fixação através de prego, carnação fosca e olhos de vidro com brilho.</p>	
<p>21. Iconografia: A escultura da Ordem Terceira do Carmo de Cachoeira representa o Cristo da Ressurreição. De acordo com o Inventário de Bens Móveis e Integrados do IPHAN (1994), “esta teria sido a visão que Madalena e posteriormente os apóstolos tiveram após a Ressurreição do Senhor”. Cristo em pé, posição frontal, cabeça direcionada para a direita, olhos na mesma direção, cabelos em sulcos ondulados, caindo em mechas nas costas, boca entreaberta com dentes à mostra, bigode e barba bipartida em rolos. Braços direcionados, o direito elevado com mão em posição de abençoar, o esquerdo para o lado com mão semiaberta (assim feita para nela se colar o atributo dessa invocação: o estandarte da ressurreição). Tórax contraído aparecendo as costelas, perizônio branco com nó à direita caindo em ponta, manto curto vermelho bordô passando sobre as costas e braços, caindo em pontas nas laterais. Chagas nas mãos, pés e costelas. Pernas em posição de marcha. Apoia-se sobre base em forma de nuvens, estilizados em olhos de volutas.</p> <p>O historiador da arte Louis Réau cita os diferentes pontos de vista iconográficos da Ressurreição: “o Cristo ressuscitado é sempre caracterizado por uma cruz que é o símbolo de sua vitória sobre a morte. (...) A arte germânica representa Cristo colocando cuidadosamente em seu lugar a tampa de seu sarcófago, para acreditar que Ele o deixou milagrosamente. Outra particularidade da arte alemã é representar o Cristo ressuscitado emergindo de um sarcófago selado, sem quebrar ou mesmo levantar a tampa. (...) Na Itália e na França, foi preferido mostrar a Cristo, apoiando o pé na borda de seu sarcófago como um vencedor que pisoteia o pescoço de seu inimigo e também de pé no topo como em um pedestal”. (p.566).</p> <p>Réau explica a diferença de detalhes sobre esse episódio: “os quatro evangelistas concordam em um ponto: para eles, a Ressurreição de Cristo é um retorno momentâneo de Jesus para a vida terrena, porque ele fez numerosas aparições na Judéia e na Galiléia antes de ascender ao céu mais de quarenta dias depois. Nos evangelhos apócrifos, pelo contrário, a Ressurreição é confundida com a Ascensão. Cristo sobe para ascender imediatamente ao reino dos céus”. (p.561).</p>	

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este trabalho abordou especificamente os ritos realizados pela Ordem Terceira do Carmo de Cachoeira/BA, durante as comemorações da Semana Santa. A Semana Santa é um período muito importante para a Igreja Católica e principalmente para os terceiros carmelitas de Cachoeira, que executam cortejos sobre a Paixão, Morte e Ressurreição de Cristo, repletos de devoção e tradicionalidade. Os terceiros realizam os ritos utilizando também cenas da Via Sacra, principalmente no Ato dos Sete Passos, na Procissão dos Passos (ou do Encontro) e na Procissão do Senhor Morto. As sete pinturas utilizadas nos ritos citados retratam a Paixão de Cristo - do episódio no jardim do Getsêmani à sua morte na cruz. Além disso, os terceiros também rememoram as sete dores de Nossa Senhora e o encontro de Maria e Jesus a caminho do Calvário.

Nosso objetivo principal foi descrever e documentar essas celebrações, abordando seus contextos, significados, preparações, singularidades, enfim, entender a relevância de cada celebração tanto para os terceiros e a Igreja Católica, quanto para a comunidade cachoeirana. Também procedemos à documentação do acervo de imagens sacras usadas nesses ritos - 7 telas com representações da Via Sacra e 5 imagens processionais - com o intuito de contribuir com a história e conservação dessas peças, já que o Inventário de Bens Móveis e Integrados feito pelo IPHAN em 1994 deixou muitas lacunas. A finalidade desta pesquisa é reunir informações sobre uma tradição católica resistente da cidade de Cachoeira que atrai muitos fiéis todos os anos, revelando o seu patrimônio histórico e cultural que deve ser compreendido, preservado e transmitido.

A primeira etapa para o desenvolvimento deste trabalho foi por meio da pesquisa de campo. As comemorações da Semana Santa ocorreram em abril de 2017, entre os dias 02 a 16. Sendo assim, utilizamos um roteiro de observação com o uso do registro fotográfico, para a análise dos comportamentos, preparações, conceitos, os detalhes das procissões e do acervo imagético usado. Nesta etapa, os diálogos com os terceiros foram fundamentais para o esclarecimento de dúvidas e trocas de informações. Em 2017, a Semana Santa foi marcada por mudanças ocasionadas pela chuva e falta de energia, como por exemplo, o Ato dos Sete

Passos que ocorre em diversos pontos da Praça da Aclamação, teve de ser realizado no claustro da Ordem Terceira, já a Procissão do Senhor Morto que percorre diferentes ruas da cidade, também sofreu mudanças no trajeto, sendo realizada em um curto percurso, garantindo a segurança da comunidade e também das imagens utilizadas. Portanto, buscamos informações sobre o ano de 2016, com o intuito de compreender como essas celebrações são realizadas tradicionalmente.

Após a observação empírica, iniciamos a pesquisa bibliográfica e a coleta de dados históricos, etapa mais difícil da monografia, devido à escassez de registros tanto por parte da Ordem Terceira (cujas documentação antiga muito se perdeu ao longo dos séculos), quanto por parte da Paróquia e do Arquivo Público de Cachoeira. Contudo, as observações empíricas que fizemos dos ritos e as entrevistas que realizamos com membros antigos da Ordem Terceira nos permitiram desenvolver esse trabalho. Além disso, contamos com pesquisas publicadas sobre o Conjunto da Ordem do Carmo de Cachoeira, sobre a devoção ao Senhor dos Passos e a Nossa Senhora das Dores, sobre a tradição da celebração da Semana Santa na América Portuguesa e a participação dos terceiros carmelitas desde o nosso período colonial.

Para a realização das fichas documentais, recorreremos ao Inventário de Bens Móveis e Integrados realizado pelo IPHAN em 1994 sobre a igreja da Ordem Terceira, em busca das informações sobre o acervo usado nessas celebrações, acervo que inclui as imagens de Nossa Senhora das Dores, Senhor Morto, Senhor dos Passos, Cristo Crucificado e Cristo da Ressurreição, obtendo dados sobre suas identificações, localização, estado de conservação, restaurações, características técnicas e iconográficas. Os sete painéis da Via Sacra utilizados atualmente foram encomendados em 1998, por conta disso, não estão inclusos no Inventário do IPHAN. Dessa forma, a partir da documentação museológica e do estudo iconográfico, realizamos as fichas de documentação desse acervo que até o momento não existia.

Com base nos estudos realizados, chegamos à conclusão que as celebrações da Semana Santa representam uma importante manifestação religiosa e cultural para cidade de Cachoeira, devido à multiplicidade de significados que apresentam e pela intensa participação da comunidade em cortejos carregados de tradição, fé e

teatralidade. As celebrações mantidas desde os tempos coloniais revelam costumes peculiares no que se refere ao Ato dos Sete Passos, onde os fiéis recebem ensinamentos para análise espiritual de suas ações, a Procissão do Ligeirinho, onde os fiéis correm às ruas da cidade pela madrugada carregando a imagem do Ressuscitado e anunciando a Ressurreição, e na separação das imagens de Nossa Senhora das Dores e do Senhor dos Passos durante a missa em memória as sete dores da Virgem, dando continuidade a Procissão dos Passos (Encontro).

Sobre o acervo imagético exposto nesses ritos, identificamos na pesquisa de campo que existe uma ausência de informações em relação às imagens processionais, assim como as telas da Via Sacra que nunca passaram por restaurações, o que é necessário para garantir sua integridade e caráter histórico. Portanto, alcançamos os objetivos propostos em documentar a celebração e seu acervo imagético, ressaltando a importância desta pesquisa para a história desta celebração, para a Ordem Terceira do Carmo de Cachoeira e principalmente para a cidade, pois encontramos poucas referências sobre a Semana Santa em Cachoeira. É fundamental a realização de novos estudos, a atualização das informações para que a ausência delas seja superada, afinal, Cachoeira apresenta todos os anos uma festa religiosa que se encontra viva na memória da comunidade e que deve ser valorizada e preservada para gerações futuras.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BÍBLIA SAGRADA: Antigo e Novo Testamento. Tradução da Conferência Nacional dos Bispos do Brasil. Editora Canção Nova, 16ª reedição, Brasília, 2012.

CAMPOS, Adalgisa Arantes. **A ordem Carmelita.** *Per Musi*, Belo Horizonte, n.24, 2011.

_____. **As Ordens terceiras de São Francisco nas Minas Coloniais: Cultura artística e procissão de Cinzas.** In: Estudos de História (UNESP). Franca, v. 6, n. 2, 1999.

_____. **Semana Santa na América Portuguesa: Pompa, ritos e iconografia.** Minas Gerais, 2001.

CHAGAS, Mário. **Museália.** JC Editora, Rio de Janeiro, 1996. p.46-47.

DOTRO, Ricardo Pascual; HELDER, Geraldo García. **Dicionário de Liturgia.** Edições Loyola. São Paulo, 2006.

FERREZ, Helena D. **Documentação Museológica: teoria para uma boa prática.** In: Cadernos de Ensaio: estudos de Museologia, Rio de Janeiro, n.2, 1994.

FLEXOR, Maria Helena O. **O Conjunto do Carmo de Cachoeira.** Brasília: IPHAN; Monumenta, 2007.

_____. **Procissões na Bahia: teatro barroco a céu aberto.** In: II Congresso Internacional Barroco. Porto: Universidade do Porto, 2001.

GONÇALVES, José Reginaldo Santos. **Antropologia dos objetos: coleções, museus e patrimônio**. Coleção Museu, Memória e Cidadania. Rio de Janeiro, 2007.

INSTITUTO DO PATRIMÔNIO HISTÓRICO E ARTÍSTICO NACIONAL, IPHAN-BA. **Inventário Nacional de Bens Móveis e Integrados: Igreja e Casa de Oração da Ordem Terceira do Carmo**. Módulo 1 – Recôncavo, Cachoeira-Bahia. Salvador, vol. 3, 1994.

KURYLUK, Ewa. **Santa Verônica e o Sudário: história, simbolismo, lendas e estruturas da imagem verdadeira**. Tradução de Inês Antônia Lohbauer. São Paulo: IBRASA, 1993. 320p. (Coleção Gnose; v.39).

LAUAND, Jean. **Rábano Mauro e o significado místico dos números**. Videtur (USP). Porto, n. 23, 2003. p. 43-44.

OLIVEIRA, Myriam Andrade Ribeiro de. **Devoção e Arte: Imaginária Religiosa em Minas Gerais**. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2005.

OLIVEIRA, Selma Soares de. **Imagens de roca: uma coleção singular da Ordem Terceira do Carmo de Cachoeira**. Feira de Santana: UEFS Editoria, 2014.

OSM: HISTÓRIA. Disponível em: <<http://servitasbrasil.org/site/osm-historia/>> Acesso em: 30/10/2017.

O VOS OMNES (LATIM). Disponível em: <<https://www.letras.mus.br/catolicas/o-vos-omnes-latim/>> Acesso em: 14/11/2017.

PADILHA, Renata Cardozo. **Documentação Museológica e Gestão de Acervo**. Coleção Estudos Museológicos, v.2. Florianópolis: FCC, 2014.

PANOFSKY, Erwin. **Estudos de iconologia: temas humanísticos na arte do Renascimento**. Tradução Olinda B. Sousa, Lisboa: Universitária Estampa, 1986.

PEREZ, Léa Freitas. **Passos de uma pesquisa nos passos das procissões lisboetas**. Centro de Investigação e estudos de Sociologia. Lisboa, 2010.

RAMOS, Orlando; TRINDADE, Silvana Cançado. **Iconografia da Virgem Maria**. Belo Horizonte: IEPHA, 1983.

RÉAU, Louis. **Iconografía de arte Cristiano: Iconografía de la Bíblia – Nuevo Testamento**. Ediciones del Serbal. Tomo 1. Vol.2, 1996.

REZENDE, Leandro Gonçalves de. **O Monte Carmelo nas montanhas de Minas: arte, iconografia e devoção nas Ordens Terceiras do Carmo de Minas Gerais (séculos XVIII e XIX)**. Minas Gerais, 2016.

STOTT, John. **A cruz de Cristo** /tradução João Batista — São Paulo : Editora Vida, 2006.

VIA SACRA – AS 15 ESTAÇÕES. Disponível em:
<<http://www.porciunculaniteroi.com.br/oracoes/26464>> Acesso em: 14/12/2017.